

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**DISSERTAÇÃO**

**Multidões Conectadas: uma Abordagem Junguiana sobre  
Eventos Organizados pela Internet**

**Daniel Costa Vianna Mucciolo**

**2015**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**MULTIDÕES CONECTADAS: UMA ABORDAGEM JUNGUIANA SOBRE  
EVENTOS ORGANIZADOS PELA INTERNET**

**DANIEL COSTA VIANNA MUCCIOLO**

**Sob Orientação do Prof. Dr.  
Nilton Sousa da Silva**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Psicologia (PPGPSI), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

**Seropédica, RJ  
Março de 2015**

150.1954

M942m Mucciolo, Daniel Costa Vianna, 1984-

T Multidões conectadas: uma abordagem junguiana sobre eventos organizados pela internet / Daniel Costa Vianna Mucciolo – 2015.

95 f.

Orientador: Nilton Sousa da Silva.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Psicologia.

Bibliografia: f. 75-80.

1. Psicologia junguiana – Teses. 2. Psicologia social – Teses. 3. Multidões – Teses. 4. Computadores e civilização – Teses. I. Silva, Nilton Sousa da, 1958-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

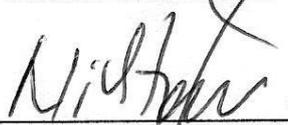
**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**DANIEL COSTA VIANNA MUCCIOLO**

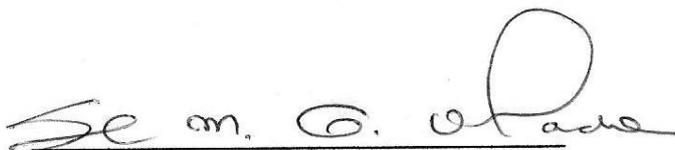
Dissertação submetida como parte das exigências acadêmicas para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

**DISSERTAÇÃO APROVADA EM:** 27, 3, 2015

**BANCA EXAMINADORA**



**Nilton Sousa da Silva/Dr. UFRRJ  
(Orientador)**



**Simone Mattos Guimarães Orlando. Dra. UFRRJ**



**Cláudio Paixão Anastácio de Paula. Dr. UFMG**

## **DEDICÁTORIA**

Dedico à minha mãe Vandeli e à minha avó Zilda por sempre terem incentivados meus estudos.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha família, pois sempre me apoiou nas minhas escolhas, e especialmente à minha mãe que batalhou incansavelmente para o meu melhor.

Aos amigos que estão sempre disponíveis para um momento de distração e para acolhimento nos mais delicados.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha caminhada, desde meus primeiros passos escolares e, especialmente, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRRJ, que estão fazendo um excelente trabalho para a consolidação do curso.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Nilton Sousa da Silva, afirmo minha gratidão pela grande disponibilidade, por não medir esforços para ver seus alunos se desenvolverem e pelos engrandecedores diálogos que tivemos a oportunidade de ter nesses dois anos.

Um agradecimento especial ao Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula e à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Orlando, pela disponibilidade e pelas belas contribuições ao trabalho desde a qualificação.

À queridíssima Mara Gonçalves pela revisão do português e aos meus amigos Antônio e Ritchie pelas traduções inglês-português e português-inglês respectivamente.

E finalmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo suporte para poder me dedicar à pesquisa.

## RESUMO

MUCCILOLO, D. C. V. **Multidões conectadas: uma abordagem junguiana sobre eventos organizados pela internet**. 2015. 96p. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Educação, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2015.

A presente pesquisa realiza uma leitura simbólica para estudar as dinâmicas de funcionamento das aglomerações de pessoas organizadas pela internet, através do referencial teórico e prático da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Tais eventos quando ocorrem alteram a dinâmica dos espaços públicos e privados das grandes cidades. Para compreender esses fenômenos, realiza-se uma revisão bibliográfica de autores que discorrem sobre o tema das multidões de pessoas, nos espaços públicos urbanos e na cibercultura. Sobre as aglomerações de pessoas, encontramos correntes que enfatizam o aspecto destrutivo e, outras enfatizam, o lado positivo da colaboração em massa. Estudar os espaços públicos justifica-se por ser o cenário dos eventos e por ele influenciar na vida pública dos cidadãos. A aproximação com a cibercultura também é fundamental para entender todos os acontecimentos sociais, visto que, é através dela que as novas tecnologias da informação e da comunicação se tornam instrumentos na organização dos eventos; atingindo um grande número de participantes: graças à velocidade de propagação da informação nesse veículo. Os eventos estudados são os *flash mobs*; protestos brasileiros de junho de 2013; “rolezinhos”, e “isoporzinhos”. Para embasar o estudo, são utilizados livros, artigos e reportagens sobre o assunto. Para Carl Gustav Jung, a coletividade é dotada de uma psique própria que é regida por elementos bem parecidos com a estrutura da psique individual. A empatia com os eventos, os convites para atuar como agente simbólico e ativar emoções que estão na camada do inconsciente cultural, são razões para mobilizar os participantes a expressar emoções (individuais e coletivas) de reivindicações, como nos protestos de 2013 ou viver uma dimensão lúdica, no caso dos *flash mobs* para fugir da rotina das grandes cidades.

**Palavras-chaves:** Psicologia analítica, Cibercultura, Multidões

## ABSTRACT

MUCCILOLO, D. C. V. **Crowds connected: A Jungian approach of events organized over the internet.** 2015. 96p. Dissertation (Master Science in Psychology), Instituto de Educação, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2015.

This research uses symbolic interpretation through the theory and practice of Carl Gustav Jung's analytical psychology to study the dynamics and function of agglomerations of people organized through the internet. When such events occur they alter the dynamics of public and private spaces of large cities. To understand this phenomenon, the works of authors who discuss crowds, urban public spaces and cyberculture has been reviewed. Both destructive and positive traits were found on the various studies of crowds. Studying public spaces is justified because they are the backdrops for events and influence the public life of its citizens. The association with cyberculture is also essential to understand these social events, it is the means by which new information and communication technologies become instruments in the organization of events, quickly reaching a large number of participants, thanks to the speed of propagation of the information. The events studied are flash mobs; Brazilian protests of June 2013; "rolezinhos (little strolls)", and "isoporzinhos (icebox parties)". To support the study, books, articles and reports on the subject are used. For Carl Gustav Jung, collectivity is endowed with a psyche that is governed by elements very similar to the structure of our individual psyche. Empathy with events, invitations to act symbolically and trigger emotions that are already part of our cultural subconscious, are reasons that mobilize participants to express their claims emotionally (individually and collectively), such as the protests of 2013, or to create more recreational dimensions, such as the case of flash mobs, an alternative to escape the routine of large cities.

**Keywords:** Analytical Psychology, Cyberculture, Crowds

## **LISTA DE SIGLAS**

<b>IBEU</b>	Índice de Bem-estar Urbano
<b>MPL</b>	Movimento Passe Livre
<b>OC</b>	Obras Completas
<b>TICs</b>	Tecnologias de Informação e Comunicação
<b>T.N.</b>	Tradução Nossa

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>6</b>
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I - PSICOLOGIA ANALÍTICA.....</b>	<b>9</b>
1.1: Complexos culturais.....	11
1.2: Autorregulação da psique.....	15
1.3: Símbolo.....	17
1.4: Projeção psíquica.....	18
<b>CAPÍTULO II – AGLOMERAÇÕES DE PESSOAS.....</b>	<b>20</b>
2.1: Psicologia das multidões e das massas.....	20
2.2: Coletividade e psicologia analítica.....	25
2.3: Potencialidades das multidões.....	28
<b>CAPÍTULO III - CIBERCULTURA E INTERAÇÃO SOCIAL.....</b>	<b>32</b>
3.1: Cibercultura.....	32
3.2: Laços sociais.....	37
<b>CAPÍTULO IV - A OCUPAÇÃO DA CIDADE.....</b>	<b>41</b>
4.1: Processo de urbanização.....	41
4.2: Espaços públicos urbanos.....	43
<b>CAPÍTULO V - EVENTOS ORGANIZADOS PELA INTERNET.....</b>	<b>47</b>
5.1: Flash mobs.....	47
5.1.1: Surgimento e conceito.....	47
5.1.2: Revisão bibliográfica.....	49

5.1.3: Arquétipo do trickster e o cotidiano.....	51
5.2: Protestos brasileiros de junho de 2013.....	53
5.2.1: Relato dos acontecimentos.....	53
5.2.2: Emoções adormecidas no gigante.....	56
5.2.3: Participação política.....	62
5.3: Rolezinhos.....	64
5.3.1: Apresentando o fenômeno .....	64
5.3.2: Interpretações e projeções.....	66
5.4: Isoporzinhos .....	68
5.5: Sazonalidade dos eventos.....	70
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>72</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>75</b>
<b>8. REFERÊNCIAS DA INTERNET.....</b>	<b>79</b>
<b>9. ANEXOS.....</b>	<b>81</b>

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem o intuito de explorar a dinâmica da reunião de pessoas em eventos realizados nos espaços de livre acesso ao público, dos grandes centros urbanos, organizados através das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Para compreender esses eventos, utiliza-se do referencial teórico e prático da psicologia analítica de Carl Gustav Jung (1875-1961) e de autores que abordam os temas: a cibercultura e aglomerações de pessoas e os espaços públicos urbano. A maioria dos participantes nas multidões de pessoas (organizadas pela internet) parece compartilhar de uma mesma emoção desencadeando um processo de identificar-se com o convite e, por isso, ficar motivado para presencialmente participar dos encontros. Descrever a dinâmica das emoções coletivas, que se encontram latentes em cada indivíduo, e podem se manifestar através desses eventos (no seio das aglomerações) é a principal meta da dissertação. Para ilustrar este movimento são utilizados os seguintes tipos de eventos: *flash mobs*; “rolezinhos”; “isoporzinhos”, e protestos brasileiros de junho de 2013.

A indagação da pesquisa parte de uma busca para tentar melhor compreender inicialmente o curioso fenômeno que veio a ser conhecido como *flash mob*. Este consegue produzir uma ruptura no cotidiano dos espaços públicos urbanos através de uma ação inusitada encenada por vários participantes. Apesar de sua potencialidade, o espaço urbano público se caracteriza, cada vez mais, apenas por local de passagem, com pouca apropriação pelos seus habitantes. Outro aspecto que torna esta manifestação singular, é que esses eventos são orquestrados graças à emergência de novas TICs, dispositivos por onde os participantes ficam sabendo do evento através da internet e mensagens de celular. Durante a delimitação do objeto e a realização de um estudo preliminar sobre o fenômeno *flash mobs* e o poder da comunicação em rede, fruto da influência das novas TIC, emergem no cenário nacional outros três eventos nos quais a internet tem papel fundamental: os protestos brasileiros de junho de 2013, os “rolezinhos” e os “isoporzinhos”. Optou-se pela incorporação ao estudo dos três novos movimentos por se situarem na mesma temática, isto é, o uso da internet para “convocar” e conseguir reunir um grupo de pessoas, num determinado espaço de convívio público da cidade. Neste caso, podendo ser identificadas algumas características em comum nos quatro eventos.

Uma delimitação em torno de apenas um único estilo de evento resultaria em um maior aprofundamento, entretanto, com o estudo abarcando quatro tipos de encontros organizados pelas TICs tornou-se possível traçar um panorama mais nítido e estabelecer com maior propriedade aspectos em comum entre eles. Por se tratarem de fenômenos extremamente complexos e recentes, não se pretende alcançar o veredito absoluto sobre eles, o que acarretaria num reducionismo, pois são inúmeros fatores que interferem em seus acontecimentos. No entanto, acredita-se que o enfoque a partir da psicologia analítica pode contribuir para a compreensão de aspectos dos quatro eventos, propiciando um entendimento da dinâmica emocional dos participantes, e servindo de base para estudos posteriores sobre o uso das TICs e a aglomeração de pessoas nos espaços urbanos públicos.

Em relação à estrutura da dissertação, o primeiro capítulo apresenta teoria da psicologia analítica de Carl Gustav Jung e expõe, com maiores detalhes, os conceitos que serão utilizados no decorrer do trabalho: complexos culturais; autorregulação da psique; símbolo e projeção. Segundo a teoria de Jung, a psique é provida de várias camadas, inclusive uma cultural que é regida por leis próximas da psique individual, sendo assim, é possível estudar fenômenos coletivos como sendo uma expressão que possui direta relação simbólica com o contexto cultural no qual estão inseridos os indivíduos.

O segundo capítulo apresenta vertentes de pensamentos sobre as multidões, e chega a Gustave Le Bon que é uma literatura considerada referência sobre o tema da psicologia das multidões, porque Le Bon enfatiza e com pertinência descreve a força desenfreada e a irracionalidade das aglomerações de pessoas, da massa humana em questão. Também são utilizadas ideias que Jung descreve ao longo de sua obra, para compreender o movimento grupal de sujeitos conscientes ou inconscientes dentro das suas participações coletivas. Também é apresentada a visão de Surowiecki (2006) que se dedica ao estudo das potencialidades colaborativas das multidões em resolver problemas. Assim, é possível realizar uma aproximação dos autores e traçar um perfil do funcionamento psicológico das massas, para que possamos trazer um maior entendimento aos movimentos estudados.

O terceiro capítulo da dissertação é dedicado à exploração do termo cibercultura, e as suas consequências para a interação social. Apresenta alguns autores que se dedicam ao estudo da cibercultura e as suas novas formas de fazer comunicação na vida cotidiana. O capítulo prossegue com um levantamento de estudos de casos que abarcam o funcionamento e

as modalidades da comunicação em rede, e os desdobramentos dos laços gerados nessa ambiência para a disseminação de informações.

No quarto capítulo, o objetivo é refletir sobre a concepção do espaço público urbano no início do século XXI e no contexto ocidental e, assim, recorrer a um breve histórico do surgimento das grandes cidades e do processo de urbanização, baseado em leituras de especialistas. Posteriormente, apresentar transformações da noção de espaço público relacionando-as, diretamente, ao tema da presente pesquisa. Observar essas mudanças é importante porque elas possuem grande implicação nos modos como a população ocupa as áreas da cidade.

O quinto capítulo se destina, objetivamente, aos eventos organizados pela internet e que são aqui estudados: flash mobs; protestos brasileiros de junho de 2013; rolezinhos e isoporzinhos. Quando os eventos ocorrem alteram bastante a rotina de ocupação dos espaços públicos ou a utilização pública dos meios de transporte, por exemplo. De uma forma geral neste capítulo, cada evento é apresentado trazendo autores que se debruçaram sobre os estudos desses assuntos e emitiram uma compreensão. Então, a partir delas foi realizada uma leitura psicológica de aspectos dos eventos com base no referencial teórico da psicologia analítica.

A relevância do presente estudo está na grandeza que alcançou o mundo virtual da internet e a discussão sobre as consequências do seu uso no dia a dia do sujeito. Neste sentido, o estilo de vida dominante nas grandes cidades e o uso das novas TICs exercem, sobre os seus habitantes, um flagrante confronto com as concepções cartesianas de espaço e tempo lógicos, isto é, com as novas TICs o espaço urbano ganha certa fluidez porque o tempo da comunicação também, literalmente, fica alterado para nele se deslocar, percorrer e ocupar novos lugares.

O uso das novas TICs vem crescendo consideravelmente e tem alterado diversas áreas de conhecimento da humanidade no campo individual e coletivo e, por isso, é preciso estudar o desdobramento da presença destes aparatos técnicos em nosso dia a dia. No entrecruzamento de intenções, a maior repercussão da psicologia analítica se dá no campo da clínica individual até a metade do século XX. Cabe ressaltar a importância do presente estudo para evidenciar o uso da psicologia analítica, também, no campo social. O próprio Jung quis explorar o campo social com a sua obra e para isso usou o termo: psicologia complexa. Portanto, o entrecruzamento de intenções se dá no aspecto social (individual e coletivo) do

uso das novas TIC e a potencialidade da psicologia complexa de Carl Gustav Jung, na dimensão teórica e prática, para estudar o fenômeno das novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Um fato que reitera a importância do presente trabalho é que tais acontecimentos sociais são muito recentes e eles necessitam de reflexões em todos os campos do saber humano, porque, estão se modificando na prática em função das TICs. Se por um lado o distanciamento histórico dos fatos possibilita um olhar mais neutro e com maiores elementos acumulados para sua compreensão, por outro lado estudar movimentos recentes ajudam a produzir conhecimento sobre aquilo que é novo e trazer mais um olhar para ajudar a elucidar o fenômeno, contribuindo para futuras pesquisas sobre o mesmo tema.

Alguns aspectos levantados pelo estudo para compreender o funcionamento das multidões e o lugar do indivíduo na massa humana, devem ganhar maior expressão. Por exemplo: como atualmente, com as novas TICs, comporta-se o indivíduo que participa das aglomerações de pessoas? Ele é impulsivo? Se sente pertencendo ao movimento que participa? É possível afirmar que, quando trabalham coletivamente, as multidões sempre têm um resultado satisfatório?

Sobre os avanços tecnológicos e a chamada cibercultura, observamos que as tecnologias não podem ser vistas como a solução para os problemas da humanidade, mas possuem muita potencialidade para proporcionar mudanças na sociedade tantos em aspectos superficiais como em suas bases estruturais.

Com relação à compreensão dos espaços públicos urbanos, observa-se que o processo de urbanização marca algumas relações de poder estabelecidas na sociedade e, por isso, acabam determinando a forma como nos apropriamos dos espaços e também marcam barreiras simbólicas entre os indivíduos de classes baixa, média e alta. E, finalmente, sobre os eventos articulados pela internet: podemos observar algumas dinâmicas neles como a sazonalidade? Como os convites atuam na mobilização de emoções adormecidas? Como o surgimento dos eventos em estudo (dos fenômenos *flash mobs*, aglomerações em junho de 2013, rolezinhos, e isoporzinhos), por ainda apresentarem um lado desconhecido, afetam com maior facilidade a sociedade e os participantes, porque facilitam projeções das fantasias pessoais e coletivas? Como um convite para um evento consegue retirar um navegante de sua calmaria do entretenimento virtual para integrá-lo ao hostil e imprevisível mundo das aglomerações urbanas?

São algumas perguntas que a presente dissertação quis responder a partir da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, para contribuir com o entendimento sobre o desenvolvimento humano individual e coletivo durante o século XXI.

## **OBJETIVOS:**

### **OBJETIVO GERAL:**

- Compreender a dimensão simbólica dos movimentos organizados pela internet, no Brasil, relacionando-os com o contexto cultural no qual estão inseridos.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Explorar o processo de identificação e empatia dos indivíduos com a convocação dos movimentos sociais gerados pela internet.
- Identificar padrões de organização em comum de diversos movimentos sociais, nacionais e/ou internacionais, articulados pela internet.
- Explorar as potencialidades das novas Tecnologias de Informação e Comunicação em alterar a dinâmica dos espaços públicos urbanos e gerar novos comportamentos sociais (individuais e coletivos).

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para desenvolver a dissertação foi a leitura simbólica das mobilizações estudadas, partindo do arcabouço teórico da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Porque a magnitude de tais eventos pode ser explicada por possuir uma fugaz ligação simbólica com as emoções do inconsciente cultural da época das aglomerações, neste contexto, existe potencialidade teórica e prática para usar a obra de Jung. Para isso, a dissertação apresenta conceitos básicos da psicologia analítica, como, “complexos culturais” desenvolvido por Samuel Kimbles (2000 e 2014) e Thomas Singer (2004 e 2010), possibilitando novo olhar para a psicologia de grupos e fenômenos coletivos; além de usar outros conceitos: arquétipo, imagem arquetípica, inconsciente pessoal e coletivo, sombra, energia psíquica etc., não para reduzir o fenômeno das aglomerações a conceitos psicológicos engessados, mas, para com eles, pintar um quadro da dinâmica social brasileira à luz da psicologia analítica. Somado a isto, foi realizado uma revisão teórica sobre a psicologia das multidões e as potencialidades da coletividade (Le Bon, 1938; Canetti, 1995; Jung, 2011; Sloterdijk, 2002; Surowiecki, 2006 e Ehrenreich, 2010), sobre a formação dos espaços públicos urbanos através do processo de urbanização (Carlos, 1994; Castells, 2006; Serpa, 2014; Sennett, 2005; Simmel, 2005), assim como, uma revisão sobre a noção de cibercultura (Mafessoli, 2010; Rüdiger, 2011; Lemos, 2002; Lévy, 1994), visto que, permite novos modos de interação social e também é um novo espaço para as minerações de dados sociais (é um banco de dados). A dissertação também utiliza dados da ferramenta Google Trends, que mede o volume de pesquisas no mecanismo de busca Google em relação ao tempo. Neste campo, aquela tênue ligação simbólica ganha concretude na internet e permite ilustrar um pouco as dinâmicas de compartilhamento e repercussão dos quatro eventos estudados.

Uma técnica utilizada por Jung para proporcionar a leitura psicológica de fenômenos individuais e coletivos é a “amplificação simbólica”, que pode ser definida como:

a extensão de conteúdo do sonho por meio do enriquecimento e da complementação das imagens oníricas com símbolos oriundos dos contos de fadas, dos mitos, da religião, da arte e de todas as tradições culturais da humanidade (HARK, 2000, p. 13)

Apesar de ter sido inicialmente mais utilizada para a leitura simbólica de produções inconscientes individuais como nos sonhos, devaneios ou fantasias, a amplificação também

pode ser utilizada para o entendimento do material coletivo, como afirma Penna (2013) esta possibilidade:

é valiosa, também para a compreensão de símbolos coletivos (culturais), nos quais o contexto histórico social imediato equivale ao contexto pessoal do símbolo individual. Os símbolos coletivos ou culturais revelam, na amplificação, seus aspectos arquetípicos prospectivos, fornecendo um entendimento ampliado da situação atual e futura da coletividade, além de sua conexão com a história passada. (p. 216)

## CAPÍTULO I - PSICOLOGIA ANALÍTICA

A Psicologia Analítica foi criada por Carl Gustav Jung em decorrência de divergências teóricas que culminaram com o rompimento de suas colaborações com a psicanálise de Sigmund Freud. Anteriormente, Jung estudou medicina e se formou em psiquiatria e logo se tornou psiquiatra assistente no Burghölzli Mental Hospital localizado em Zurique. Na época, a instituição era dirigida pelo renomado Eugen Bleuler que se tornou uma referência na área de psiquiatria ao atribuir o termo esquizofrenia ao transtorno mental que antes era chamado de demência precoce. Durante o período em que atuou no Burghölzli, Jung aprimorou o teste de associação de palavras, que media as reações emocionais dos participantes em relação a uma palavra estímulo que resultou nas descobertas que foram a base para a formulação de sua teoria dos complexos, a qual será mais detalhada posteriormente neste capítulo. Durante o período com Eugen Bleuler, obteve contato com a obra: *A interpretação dos sonhos* (1900) de autoria de Freud.

Antes de conhecer pessoalmente Sigmund Freud, Jung já desenvolvia seus próprios estudos como, por exemplo, a defesa da sua tese de doutorado em medicina, em 1902 intitulada: *Sobre a Psicologia e Patologia dos assim chamados fenômenos ocultos*. Em 1906 inicia uma troca de correspondências com Freud, e no ano seguinte se encontram e ocorre o primeiro contato histórico durante o qual conversaram 13 horas, praticamente, sem interrupções segundo relato do próprio Jung em suas memórias (JUNG, 2006, p. 184). Inicia então uma parceria frutífera para ambos, pois enquanto Jung teve contato com a teoria e a experiência de Freud, este pode se beneficiar do nome internacional de Jung devido a seu trabalho na clínica em Burghölzli e uma possibilidade de expansão da psicanálise que se encontrava, basicamente, restrita ao cenário austríaco. Jung ganha reconhecimento no campo psicanalítico nos anos seguintes chegando a dar palestras com Freud nos Estados Unidos na Clark University e é indicado em 1910, pelo próprio Freud, para a presidência da Associação Internacional de Psicanálise.

Entretanto a curta, porém, intensa parceria chega ao fim em 1914. Eles rompem definitivamente as suas relações sociais e profissionais. Foi uma perda grande para ambos, porque Freud considerava Jung como o seu sucessor e chegava a chamá-lo de “o príncipe herdeiro”. Para Jung, não foi fácil abrir mão da estrutura que a psicanálise (de Freud) havia construído até então para seguir seu próprio caminho; tanto que passou por um intenso

período de confronto com o seu próprio inconsciente, no qual se debruçou sobre seus sonhos e fantasias, obtendo grande autoconhecimento de grande valia para estabelecer a sua nova psicologia, que denominou de psicologia analítica.

O ponto crucial para o rompimento da colaboração de ambos foi um texto produzido por Jung - atualmente intitulado como *Símbolos da Transformação* - no qual marcava uma diferente posição de entendimento da libido, não limitando a motivação humana ao estritamente sexual, e Freud não admitia questionamento. Como observa Jung:

Quando estava quase acabando de escrever *Metamorfozes e Símbolos da Libido*, eu sabia de antemão que o capítulo “O sacrifício” me custaria a amizade com Freud. Nele expus minha própria concepção do incesto da metamorfose decisiva do conceito de libido e de outras ideias, que representavam meu afastamento de Freud. (2006, p.202)

Nise da Silveira (1905-1999), figura emblemática da psicologia analítica nacional e da psiquiatria pelo pioneirismo em diversos aspectos da saúde mental brasileira, explica a compreensão da libido para Jung e Freud:

Enquanto Freud atribuí a libido significação exclusivamente sexual. Jung denomina libido a energia psíquica tomada num sentido mais amplo. *Energia psíquica e libido são sinônimos*. Libido é apetite, é instinto permanentemente de vida que se manifesta pela fome, sede, sexualidade, agressividade, necessidades e interesses os mais diversos. Tudo isso está compreendido no conceito de libido. (SILVEIRA, 2003, p.37)

Posteriormente, com o estabelecimento da sua própria teoria, o conceito de inconsciente coletivo de Jung também marca grande diferença do modelo psíquico de Freud, que restringe o inconsciente ao nível pessoal e, somente, pessoal. Para a psicologia analítica, o inconsciente não se constitui apenas das memórias e vivências pessoais, além dessa existe uma camada do que abarca as experiências da humanidade:

O inconsciente coletivo é a outra estrutura psíquica que configura, por assim dizer, o ‘reservatório’ das experiências da espécie humana no curso de sua história, razão pela qual através do inconsciente coletivo cada indivíduo é remetido às possibilidades que a psique herdou, isto é, à estrutura cerebral herdada na qual se dão as assim chamadas ‘tramas mitológicas’, ou seja, os mitos os motivos e as imagens que em todo lugar podem formar-se de novo, independentemente de qualquer tradição e migração histórica (PIERI, 2002, p.94)

Outro conceito central da psicologia de Jung que trata de elementos do inconsciente coletivo é o arquétipo, compreendido como padrões que estruturam as possibilidades de

expressão humana. Mas, não necessariamente, determinam o comportamento humano, apenas atuam como modelos encontrados em diversas civilizações; mesmo nas quais não tiveram contato direto e linear. Uma das características da experiência do arquétipo é a numinosidade<sup>1</sup> conforme descreve o próprio Jung:

Os arquétipos são fatores formais responsáveis pela organização dos processos psíquicos inconscientes: são os *pattern of behaviour* (padrões de comportamento). Ao mesmo tempo, os arquétipos têm uma “carga específica”: desenvolvem efeitos numinosos que se expressam como *afetos*. (OC. VIII, § 841)

Jung desenvolveu sua teoria durante muitos anos, realizando novas interpretações em seus conceitos até o final de sua vida. Debruçou-se sobre várias áreas do conhecimento para fundamentar as suas ideias. Jung, no decorrer da vida, realizou leituras além da área da psiquiatria. Estudou também filosofia, mitologia, alquimia, religião comparada, como podemos ver na citação que retrata esta amplitude:

Jung buscou na física fundamentos para a elaboração do conceito de energia psíquica; encontrou na alquimia medieval a conexão histórica e filosófica com a psicologia do inconsciente contemporânea; percebeu nas religiões do Ocidente e do Oriente a possibilidade de religação da psique consciente com o inconsciente; nos mitos e nos sonhos, vislumbrou a síntese entre o coletivo universal e o pessoal único. Seu pensamento fluiu em busca de diversos parâmetros, nos quais encontra apoio e referendo para os problemas de seus pacientes e suas ideias. A auto-observação, a observação clínica e a pesquisa em diversos campos do conhecimento são elementos constantes na investigação da psique e na formulação do modelo teórico de C. G. Jung. (PENNA, 2013, p. 126)

## 1.1 Complexos culturais

Thomas Singer e Samuel Kimbles desenvolveram o conceito de “complexo cultural”, que consiste na aplicação da teoria dos complexos de Jung com a finalidade de compreensão do que poderíamos chamar de uma camada cultural da psique e a vida dos grupos. O conceito tem sua base na teoria dos complexos de Jung e no conceito de inconsciente cultural de Joseph Henderson, um analista junguiano. Para melhor elucidação da ideia de complexos

---

<sup>1</sup> Jung concorda com o entendimento de numinoso de Rudolf Otto como: “uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, ele arrebatava e controlava o sujeito humano, que é sempre antes sua vítima que seu criador. Qualquer que seja sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independentemente de sua vontade” (JUNG, OC. XI, § 6)

culturais torna-se necessário apresentar a teoria dos complexos, um dos arcabouços teóricos mais importantes da psicologia analítica.

Os complexos, para Jung, são agrupamentos, nódulos, emocionais ligados por temas e ideias. Eles são considerados como entidades autômatas, que ocorrem naturalmente através de experiências que desencadeiam cargas emocionais e vão alimentando os centros, só podemos percebê-los através de expressões e reações emocionais e projeções psíquicas, no campo da espécie humana. Jung formulou a ideia de complexo na época em que trabalhava na clínica de Burghölzli, onde, como jovem psiquiatra, vinha estudando, aprimorando e aplicando o teste de associação de palavras em pacientes e sujeitos normais. O teste era fundamentado a partir de o aplicador dizer uma palavra para o sujeito do experimento, e este deveria responder com a primeira palavra que viesse a mente. Na época, a intenção do teste foi observar padrões de reações verbais e não verbais, medir o tempo médio das reações e entender as dinâmicas de formação das respostas produzidas. Entretanto, Jung acabou descobrindo mais do que pretendia, percebeu reações diversas com a mesma palavra estímulo entre os participantes, e observou que alguns deles tinham reações mais específicas como, por exemplo, longo tempo para responder, ficar calado e alterações biológicas, medidas através de um galvanômetro ligado aos sujeitos da pesquisa; quando a palavra tocava em pontos (ideias) que possuíam carga emocional maior para o sujeito. Sobre as alterações que interferiam no experimento Jung disse:

No experimento de associação podemos constatar os efeitos às vezes muito intensos que provêm do inconsciente exatamente pela interferência de complexos. A produção de erros no experimento de associação é, sobretudo, um protótipo dos erros que cometemos na vida diária, a maioria dos quais deve ser atribuída à interferência dos complexos. (JUNG, OC. IV, § 338)

A partir daí ele pôde descrever e confirmar a existência de núcleos na psique que são carregados de afeto (de emoção) e são considerados mais fortes do que a própria vontade consciente do sujeito, porque ele não consegue controlar. Neste contexto, a personalidade do sujeito é formada por diversos complexos, inclusive o chamado “complexo do eu”, análogo a concepção do ego. Nas definições apresentadas pelo próprio Jung, para complexos afetivos e algumas características, encontramos:

[O complexo] É a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de *autonomia*, vale dizer: está sujeita ao controle das disposições da consciência até um certo limite

e, por isto, comporta-se, na esfera do consciente, como um *corpus alienum* (corpo estranho), animado de vida própria. Com algum esforço de vontade, pode-se, em geral, reprimir o complexo, mas é impossível negar sua existência, e na primeira ocasião favorável ele volta à tona com toda a sua força original. (OC. VIII, § 201)

Para observar a dimensão da influência da teoria de Jung, segundo Nise da Silveira (2003), é o fato da utilização da palavra “complexo” no âmbito psicológico nos dias atuais, além de estar presente no senso comum em nas expressões como, por exemplo, complexo de inferioridade e superioridade é decorrente do trabalho desenvolvido por Jung. Como diz Nise da Silveira: “A palavra complexo, com sua significação psicológica peculiar, foi introduzida por Jung. E fez fortuna, estando hoje incorporada ao vocabulário cotidiano de todos nós.” (SILVEIRA, 2003, p.30)

Apesar de Jung ter se dedicado a temas da coletividade, ele não se beneficiou de toda potencialidade de utilização da teoria dos complexos, tendo focado principalmente o nível arquetípico da psique na hora de abordar essas questões. Os estudiosos da teoria junguiana, por sua vez, na maioria das vezes seguiram o modelo de Jung de pensar o indivíduo baseado na teoria dos complexos e as experiências coletivas com a teoria dos arquétipos embora o valor do indivíduo esteja presente em toda a obra. Neste sentido, compreender o indivíduo é o *leitmotiv* da psicologia analítica, entendendo que o contexto social, ampara e reflete expressões individuais, grupais, culturais e coletivas. O fato de Jung possuir uma visão profundamente crítica da vida coletiva é algo (Singer; Kimbles, 2004) que encontra respaldo em alguns fatores sociais, por exemplo, Jung vive de 1875 até 1961; participa da transição científica da física newtoniana para a física quântica, isto é, vive a virada do século XIX para o XX; assiste ao terrível lado da força coletiva através das duas grandes Guerras Mundiais, na primeira metade do século XX; estuda e vê o impacto da vida religiosa coletiva, positivo ou negativo, no espírito do próprio pai e, a ênfase na individuação da personalidade (a máxima do oráculo de Delfos) geraram uma tendência de pensar o caminho do indivíduo contra a vida em grupo.

Entretanto, em um trecho de sua obra, ele diz acreditar que a psique coletiva parece ter um funcionamento muito parecido com a psique individual, indicando, portanto, um precedente para aplicar o conceito complexo à psique coletiva:

O médico em mim se nega a crer que a vida psíquica de um povo esteja além das regras psicológicas fundamentais. A psique de um povo tem uma

configuração apenas um pouco mais complexa do que a psique do indivíduo. (JUNG, OC. X, § 175)

Tal afirmação traz a possibilidade de aplicação dos conceitos junguianos, sobre a psique individual, para uma ampliação e compreensão da dinâmica emocional de uma determinada coletividade.

De acordo com Thomas Singer e Catherine Kaplinsky (2010), foi Joseph Henderson com o seu conceito de “inconsciente cultural” que possibilitou uma das bases para avançar com o conceito de “complexo cultural”. Henderson delimitou uma área menos distante do intangível nível coletivo da história, em suas palavras “uma área de memória histórica que se situa entre o inconsciente coletivo e o padrão manifestado da cultura”. (HENDERSON, *apud* KIMBLES, 2014, p. 69 T.N.)<sup>2</sup>

Outros autores de orientação junguiana também corroboram com esta ideia de “complexo cultural” como Muray Stein, grande estudioso da obra junguiana. Em um de seus trabalhos sistematiza com muita dedicação os principais conceitos da psicologia analítica, e apresenta sua interpretação do inconsciente cultural:

(...) neste ponto, podemos pensar na existência de uma camada cultural do inconsciente uma espécie de inconsciente cultural. É pessoal no sentido de que é adquirido durante a vida do indivíduo, mas é coletivo porque compartilhado com um grupo. O inconsciente, neste nível, é estruturado por padrões e atitudes culturais mais amplos, os quais acabam por influenciar as atitudes conscientes nos indivíduos e os complexos mais singulares dentro de um contexto de pressupostos culturais inconscientes. (STEIN, 2006, p. 50)

Com os dois conceitos, complexo e inconsciente cultural, é possível compreender a imbricação e o gradiente que estão presentes no conceito “complexo cultural”. Lidar com centros carregados, energeticamente, de processos emocionais no nível coletivo é funcionar de modo análogo aos complexos no nível individual. Kimbles e Singers (2004) ressaltam que existem aproximações dos complexos chamados individuais e coletivos. Como uma ativação de um “complexo cultural” é observada através de uma emoção coletiva intensa e, o “complexo cultural”, assim como o complexo individual, tende a se repetir e ter autonomia, resistir e obscurecer a consciência.

---

<sup>2</sup> “an area of historical memory that lies between the collective unconscious and the manifest pattern of the culture”. T.N. = Tradução Nossa

Foi no capítulo *O Complexo Cultural e o Mito da Invisibilidade*<sup>3</sup> que, Kimbles (2000), apresentou com maior detalhe e começou a definir claramente o que entendia como “complexo cultural”; utilizou a sua experiência enquanto psicólogo negro para falar da questão racial, operando através de complexos culturais. No capítulo, os cinco tópicos abaixo resumem as ideias básicas, apresentadas por Kimbles; e que, segundo ele, ainda são pouco difundidos na psicologia analítica. São eles:

- Complexos culturais operam pelas expectativas do grupo, pela sua definição própria, seu destino, e seu senso de singularidade. Eles operam através dos medos do grupo, seus inimigos e suas atitudes com relação a outros grupos.
- Complexos culturais são um sistema dinâmico de relações que servem à necessidade básica de pertencimento e identidade através da ligação de experiências pessoais e grupo, já que estes são mediados por etnicidade, raça, religião e outros processos de gênero.  
Complexos culturais impõem restrições na percepção de diferenças ou as acentuam, enfatizam a identificação com o grupo ou diferenciação do grupo, e permitem sentimentos de pertencimento ou alienação do grupo.
- Complexos culturais permitem nos relacionarmos psicologicamente a fatores culturais além do individual mas intersectam com o senso de si próprio do indivíduo.
- Complexos culturais são a maneira da psique de narrar sua relação com o grupo. (KIMBLES, 2014, pp. 5-6 T.N.)<sup>4</sup>

## 1.2 Autorregulação da psique

Jung compreende a psique como um sistema que possui uma autorregulação própria. Para entender o que isto significa é preciso retomar o seu conceito de energia psíquica. Em sua obra, *A energia psíquica*, narra que propôs o termo libido para tratar desta energia psíquica. Cabe ressaltar que ele, também, aponta que o termo em sua origem é latino e não se restringe ao aspecto sexual como na obra de Sigmund Freud. Jung preferiu o modelo

---

<sup>3</sup> “*The Cultural Complex and the Myth of Invisibility*” (T.N.)

<sup>4</sup> “• Cultural complexes operate through the group's expectations, its definition of itself, its destiny, and its sense of its uniqueness. They operate through the group's fears, its enemies, and its attitudes toward other groups.

• Cultural complexes are a dynamic system of relations that serve the basic need for belonging and identity through linking personal experiences and group as these are mediated by ethnicity, race, religion, and gender processes.

• Cultural complexes impose constraints on the perception of differences or accentuate them, emphasize identification with the group or differentiation from the group, and allow for feelings of belonging to or being alienated from the group.

• Cultural complexes allow us to relate psychologically to cultural factors beyond the individual but intersect with the individual's sense of self.

• Cultural complexes are the psyche's way of narrating its relationship to the group.”

energético-finalista, no qual se dá ênfase no efeito para o maior entendimento da causa, e não dá primazia ao modelo mecanicista-causal positivista. Jung busca a motivação do efeito em sua origem sem o reduzir a uma origem somente sexual universal.

Para Jung toda atitude da consciência gera um posicionamento unilateral que deixa aspectos inconscientes em segundo plano. Gerando um efeito oposto e compensatório para equilibrar a tensão entre os opostos. Nas palavras de Jung:

[é] absolutamente necessário para o processo consciente que a atitude seja dirigida, mas isto, como vimos, acarreta inevitavelmente uma certa unilateralidade. Visto que a psique é um sistema autorregulador, como o corpo vivo, é no inconsciente que se desenvolve a contrarreação reguladora. Se a função consciente não fosse dirigida, as influências opostas do inconsciente poderiam manifestar-se desimpedidamente. Mas é precisamente o fato de ser dirigida que as elimina. Isto, naturalmente, não inibe a contrarreação que se verifica, apesar de tudo. Mas sua influência reguladora é eliminada pela atenção crítica e pela vontade orientada para um determinado fim, porque a contrarreação como tal parece incompatível com a direção da atitude (JUNG, OC. VIII, § 159)

Aquilo que é reprimido e fica na parcela inconsciente da psique, quando possui energia suficiente, consegue emergir na consciência individual. Jung também afirma que quanto mais essa atitude for unilateral, maior será a força da atitude compensatória:

Quanto mais unilateral for a sua atitude consciente e quanto mais ela se afastar das possibilidades vitais ótimas, tanto maior será também a possibilidade de que apareçam sonhos vivos de conteúdos fortemente contrastantes como expressão da autorregulação psicológica do indivíduo. Assim como o organismo reage de maneira adequada a um ferimento, a uma infecção ou a uma situação anormal da vida, assim também as funções psíquicas reagem a perturbações não naturais ou perigosas, com mecanismos de defesa apropriados. (JUNG, OC. VIII, § 488)

Esta função reguladora também pode ser observada nos movimentos de massa uma vez que esses são regidos por uma psique coletiva, que obedece praticamente às mesmas leis da psique individual. Jung narra esse movimento também no coletivo:

Assim como os indivíduos isoladamente, também os povos e as épocas têm suas atitudes ou tendências espirituais características. A própria palavra atitude já revela a unilateralidade necessária que acompanha cada tendência determinada. Onde há tendência há exclusão. Exclusão significa que muitos elementos psíquicos, que poderiam participar da vida, não podem fazê-lo por serem incompatíveis com atitudes gerais(...) Assim como no indivíduo a unilateralidade de sua atitude consciente é corrigida por reações inconscientes, assim a arte representa um processo de autorregulação espiritual na vida das épocas e das nações. (JUNG, OC. XV, § 131)

Essa regulação se dá através do contato com o material simbólico proveniente do inconsciente para a consciência. A principal forma de autorregulação é realizada através de manifestações de símbolos presentes em sonhos, nas imagens psíquicas sensitivas e nos devaneios do pensamento, em que a consciência quando confrontada com o conteúdo do material poderá se transformar. Jung atribui o termo enantiodromia para designar a mudança de direção da consciência, para outros aspectos até então inconscientes e opostos à consciência. A expressão enantiodromia tem origem na filosofia de Heráclito e Jung a compreende do seguinte modo:

Com o termo enantiodromia quero designar a oposição inconsciente no decorrer do tempo. Este fenômeno característico ocorre quase sempre onde uma direção extremamente unilateral domina a vida consciente de modo que se forma, com o tempo uma contraposição inconsciente igualmente forte e que se manifesta, em primeiro lugar, na inibição do rendimento consciente e, depois, na interrupção da direção consciente (OC. VI, § 795)

### **1.3 Símbolo**

A concepção junguiana de símbolo difere do entendimento freudiano e também da ideia atribuída ao verbete pelo senso comum. De acordo com Jung, o símbolo é um elemento que tem a capacidade de transformar a energia psíquica e também é um mediador entre o consciente e inconsciente. É importante fazer a separação dos conceitos de signo, símbolo e alegoria que na psicologia analítica apresentam significados diferentes, apesar de cada nomenclatura poder indiciar que são sinônimos. O signo, que também é chamado de sinal, refere-se a “uma espécie de abstração, uma designação de livre escolha, que, pela convenção social ou o consenso humano, é ligado ao designado, como, por exemplo, os signos verbais ou matemáticos” (JACOBI, 1986, p.77). O termo alegoria designa “uma interpretação intencional do pensamento intensificada por imagens” (JUNG, OC. III, § 136). E o símbolo pode ser definido como:

uma forma extremamente complexa. Nela se reúnem opostos numa síntese que vai além das capacidades de compreensão disponíveis no presente e que ainda não pode ser formulada dentro de conceitos. Inconsciente e consciente aproximam-se. Assim, o símbolo não é racional, porém as duas coisas ao mesmo tempo. Se é de uma parte acessível a razão, de outra parte lhe escapa para vir fazer vibrar cordas ocultas no inconsciente (SILVEIRA, 2003, p.71)

Jung diferencia ainda o símbolo vivo de um morto, este perdeu sua numinosidade e já não produz o mesmo efeito, fica análogo a um sinal; mas o símbolo vivo é o que designa efetivamente por símbolo: numinoso, porque ilumina camadas sociais individuais e coletivas, e quanto mais genérica for a numinosidade maior será a sua capacidade de atingir um número de indivíduos. Diz Jung:

o símbolo vivo formula um fator essencialmente inconsciente e, quanto mais difundido este fator, tanto mais geral o efeito do símbolo, pois faz vibrar em cada um a corda afim. Uma vez que o símbolo, de um lado, é a melhor expressão possível e insuperável do que ainda é desconhecido para determinada época, deve provir do que existe de mais diferenciado e complexo na atmosfera espiritual daquele tempo. E como, de outro lado, o símbolo vivo tem que conter em si o que é comum a um grupo humano bem grande para, então, atuar sobre ele, deve abarcar exatamente o que pode ser comum a um grupo humano bem amplo. (OC. VI, § 910)

Outra característica do símbolo para a psicologia analítica é que um material não pode ser considerado um símbolo só por ele mesmo, para que seja atribuído como tal depende do observador. Jung discorre sobre essa possibilidade neste fragmento:

Depende da atitude da consciência que observa se alguma coisa é símbolo ou não; depende, por exemplo, da inteligência que considera o fato dado não apenas como tal, mas como expressão de algo desconhecido. É bem possível, pois, que alguém estabeleça um fato que não pareça simbólico à sua consideração, mas o é para outra consciência. Também é possível o caso inverso. Da mesma forma, há produtos cujo o caráter simbólico não depende unicamente da atitude da consciência que observa, mas que impõem ao observador seu efeito simbólico. (OC. VI, § 907)

A função transcendente é um outro conceito apresentado por Jung que constitui “capacidade da psique de formar símbolos, isto é, de unir pares de opostos no símbolo para uma síntese”(JACOBI, 1986, p.94). Então no arcabouço teórico da psicologia analítica: “O símbolo é o ponto de conexão entre consciente e inconsciente, e tem a função de transformar energia inconsciente em energia consciente. A função transcendente é aquela que cria símbolos, e o pensamento simbólico é a função que os compreende.” (PENNA, 2013, p. 119)

#### **1.4 Projeção psíquica**

O conceito de projeção psíquica para Jung, designa o mecanismo pelo qual o inconsciente interfere em certo nível na forma como o observador apreende a realidade, é

como ele proporciona a predisposição psíquica que acaba moldando a forma como interpreta o meio ambiente. Pieri (2002) nos apresenta a seguinte definição:

Na psicologia analítica junguiana o termo indica o processo psicológico de estranhamento segundo o qual o sujeito – na relação que mantém com um objeto – transfere e inclui no próprio objeto qualquer gênero de conteúdos que sejam fundamentalmente de sua pertinência. (p. 397)

A projeção ocorre independentemente da vontade do indivíduo porque acontece no nível do inconsciente. Para Jung este mecanismo não é, necessariamente, de uma patologia, pois é um princípio do funcionamento psíquico, embora seja possível diminuir o nível de projeção ampliando a consciência através de assimilações do material inconsciente. Também, através do conhecimento sobre as suas projeções, o indivíduo pode aprender um pouco mais sobre o seu próprio inconsciente. Jung distingue as projeções em passiva e ativa, a primeira é a forma mais frequente no processo automatizado do nosso dia a dia, e ocorre tanto em situação normal quanto na patológica; a segunda está ligada à ideia de empatia, e Jung afirma que para ela operar:

O sujeito destaca de si um conteúdo, por exemplo, um sentimento, e o transfere para o objeto, dando vida a este e incluindo-o na esfera subjetiva. A projeção ativa também se manifesta como ato de julgamento subjetivo e é destacado como fato válido e transferido para o objeto, ocorrendo, assim um distanciamento entre sujeito e objeto. (OC. VI, § 882)

Nesta perspectiva teórica e prática da psicologia analítica, abortar o sujeito do conhecimento do seu próprio campo social parece desconsiderar a potencialidade da idiosincrasia que atravessa toda a obra junguiana. Portanto, para a psicologia analítica lidar com a singularidade só é possível na própria dinâmica das relações estabelecidas entre o indivíduo e a sociedade, ou entre o eu e o outro, ou a partir do eu no mundo.

## CAPÍTULO II - AGLOMERAÇÕES DE PESSOAS

Para uma boa abordagem a respeito dos eventos nos quais as pessoas se reúnem através da internet, é preciso uma incursão na área de estudo sobre as multidões. No que diz respeito às vertentes desta área do conhecimento, podemos encontrar duas visões de autores que tratam sobre elas: numa delas prevalece o aspecto negativo da força desenfreada dessas aglomerações e a outra valoriza o aspecto positivo do poder que a aglomeração possui atuando de forma colaborativa.

Neste primeiro momento, trazer uma definição sobre as multidões é importante porque existem vários verbetes que remetem ao fenômeno como, por exemplo, turba, massa, malta, povo entre outros, mais cada um destes apresenta a sua especificidade. A definição a que vamos recorrer sobre multidão é:

Tipo de agrupamento social caracterizado pela proximidade física temporária dos indivíduos (em função de algum fato social capaz de reuni-los, como um comício, um festejo, uma calamidade etc.) e pela pluralidade e heterogeneidade dos elementos que reúne, e que tende a reagir de maneira semelhante, mais ou menos impulsiva, aos mesmo estímulos. (RABAÇA & BARBOSA, 2001, p. 501)

Em Rabaça & Barbosa, a multidão difere da concepção atribuída à massa que por definição está ligada a um agrupamento de pessoas que, embora trate de pessoas diferentes, apresenta um comportamento mais unificado para um determinado fim, uma massa pode ser compreendida como:

Número considerável de indivíduos que, apesar de heterogêneos, são considerados como um bloco homogêneo enquanto público consumidor da indústria cultural. Mesmo quando segmentado em classes socioeconômicas para efeito de pesquisa de mercado ou de lançamento de produtos, a massa tende a ser nivelada pelos padrões de consumo mais fácil e pelos valores conservadores atribuídos a maioria. (RABAÇA & BARBOSA, 2001, p. 473)

### 2.1 Psicologia das multidões e das massas

Iniciando com a vertente na qual o lado impulsivo da multidão é destacado, é válido apresentar primeiramente o trabalho de Gustave Le Bon (1841-1931), uma vez que seu livro *Psicologia das Multidões* (1938) se transformou numa leitura de referência sobre o tema. Mesmo tendo sido publicado originalmente em 1903, ainda hoje possui utilidade em

decorrência da profundidade da obra. Ele enaltece a potencialidade das multidões para, por exemplo, alterar forças estabelecidas com a derrubada de um governo. Le Bon prioriza abordar o lado irracional e impulsivo destes aglomerados. Ele começa o texto marcando a chegada da era das multidões, confrontando que as crenças políticas, religiosas e sociais entram em decadência e a ciência e a indústria alteram as formas de pensamento vigente: são as multidões que decidirão o destino das nações. Para o autor, elas possuem o poder de finalizar de uma só vez a civilização que não possui uma base sólida de ideais:

A história ensina que, no momento em que as forças morais, armadura de uma sociedade, perderam ação, a dissolução final se efetuou por essas multidões inconscientes e brutais justamente qualificadas de bárbaras. As civilizações foram criadas e guiadas até aqui por uma pequena aristocracia intelectual, jamais pelas multidões. Estas últimas só têm força para destruir. O seu domínio representa sempre uma fase de desordem. (LE BON, 1938, p. ix)

Le Bon também apresenta uma série de características das multidões. Ele define como multidão organizada ou psicológica, aquela cujos elementos e ideias apontam para a mesma direção formando uma alma coletiva. Não sendo a quantidade de indivíduos que determina essa característica, e, sim, se estão juntas para um mesmo fim. Essa alma coletiva altera a forma de “sentir, pensar e proceder de uma maneira diferente daquela pela qual sentiria, pensaria e procederia cada um deles isoladamente” (LE BON, 1938, p. 6). O autor é bem categórico ao afirmar a falta de controle do indivíduo sobre sua vontade quando está inserido numa coletividade deste tipo:

(...) desaparecimento da personalidade consciente, predominância da personalidade inconsciente, a orientação pela sugestão e pelo contágio, dos sentimentos e das ideias num mesmo sentido, tendência para transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas, tais são os principais caracteres do indivíduo na multidão. Já não é ele próprio porém um autômato que a vontade já não tem a força de guiar. (LE BON, 1938, p. 11)

Ele explicita, com mais detalhes, essas características ao longo do texto como, por exemplo, no caso da sugestão em que afirma que a multidão tem a capacidade de deturpar um acontecimento, uma vez que um indivíduo evoca uma imagem, o grupo aceita e deixa se levar pela impressão em questão, algo análogo ao mecanismo de projeção trabalhado anteriormente no capítulo 1. Para ilustrar, ele narra o caso do vigia de um barco que estava à procura de uma outra embarcação e ao dar sinal de que a havia avistado, todos confirmaram que haviam visto também, e quando chegaram perto perceberam que era um pedaço de uma árvore, mas todos juravam ter realmente visto uma embarcação. Sobre este aspecto ele conclui: “insistindo nas

observações feita pelas turbas, concluiremos que as observações coletivas são as mais errôneas de todas e representam, as mais das vezes, a simples ilusão de um indivíduo que, por contágio, sugestionou os outros” (LE BON, 1938, p. 25).

Outra propriedade destacada por este estudioso das multidões é de que o sentimento delas é exagerado, simples e pode ir de um polo ao outro muito rapidamente. Isso as torna bastante intolerantes, pois ou acatam ou odeiam totalmente uma ideia, sendo também neste sentido autoritária e conservadora. Ele assegura que, por mais que elas clamem por mudança, ainda possuem um instinto conservador que teme uma transformação que altere demais as suas existências.

Le Bon prossegue seu texto elucidando a forma de raciocinar das multidões, que opera de uma forma bastante simplória baseada em associações. Para ele “associação de cousas dissemelhantes, só tendo entre elas relações aparentes, tais são os caracteres da lógica coletiva. São associações desta ordem que os oradores, hábeis no manejo das turbas, sempre lhes apresentaram” (LE BON, 1938, p. 43) e essas condições resulta numa falta de espírito crítico. E sobre a imaginação das multidões ele descreve que só por meio de imagens que ela consegue pensar, e estas possuem uma vivacidade muito grande quando evocadas.

Já com relação aos sentimentos dos grupos formados de pessoas, ele define suas convicções como um “sentimento religioso”, dada a força que elas apresentam nos indivíduos possuindo as seguintes características: “adoração de um ente considerado como superior, receio da força que se lhe atribue, cega submissão às suas ordens, impossibilidade de discutir os seus dogmas, desejo de espalhá-los, tendência em julgar inimigos todos quantos se recusam a admiti-los.” (LE BON, 1938, p. 49). O participante entrega assim todas as energias, submetendo-se a uma vontade maior e tem uma atitude fanática.

Ele também afirma o poder que certas palavras têm de influenciar as pessoas, e lista algumas como democracia, liberdade e igualdade, que evocam imagens que são muito fortes para o raciocínio das multidões, produzindo nessa massa grande contágio e aceitação. Segundo Le Bon: “uma pujança verdadeiramente mágica se acha ligada às suas breves sílabas, como si eles contivessem a solução de todos os problemas. Sintetizam várias aspirações inconscientes e a esperança de sua realização” (LE BON, 1938, p. 79). O próprio fato de essas palavras serem conceitos difíceis de se delimitar aumenta a atração delas, Le Bon diz sobre a força dessas palavras:

Muitos as consideram como forças da natureza, potências sobrenaturais. Elas evocam nas almas imagens grandiosas e vagas, mas o próprio aspecto vago que as esbate, aumenta-lhes a força misteriosa. Pode-se compará-las à essas temíveis divindades ocultas atrás do tabernáculo e das quais só trêmulo o devoto se aproxima. (LE BON, 1938, p. 79)

Le Bon também afirma que os povos têm uma certa tendência a acreditar em ilusões. Ele afirma que muitos líderes foram idolatrados e respeitados por propiciarem tais ilusões. Sobre isso ele afirma: “As multidões nunca tiveram sede de verdade. Diante de evidências que lhes desagradam, elas se afastam preferindo deificar o erro. Quem lhes sabe dar ilusões facilmente as domina, quem tenta arrancar as suas ilusões é sempre vítima.” (LE BON, 1938, p. 86). Para ele a forma mais pertinente de realmente colocar uma verdade na alma dos povos é através da experiência, e para que essa se fixe precisa “que seja realizada muita larga escala e muitas vezes repetida” (LE BON, 1938, p.86). Essa repetição é importante pois ele considera que o que foi experienciado por uma geração na maioria das vezes não é válida para outra.

Sobre os tipos de multidões Le Bon, difere as multidões heterogêneas que: “se compõe de quaisquer indivíduos, sem levar em conta a profissão ou inteligência” (LE BON, 1938, pp. 132-133) e por mais que sejam formadas por indivíduos diferentes, de acordo com a nação em que eles ocorrem, elas se manifestarão de forma diferente de acordo com as características daquele determinado povo. Existem, também, as multidões homogêneas que são compostas por indivíduos diferentes, mas que se unem por alguma circunstância. As seitas são um exemplo dessas em que as diferentes pessoas se unem pela religião ou pela política e as castas que compreendem sujeitos da mesma profissão como as castas militares ou sacerdotais. E por fim, existem também as classes, que não compactuam de crenças, mas apresentam hábitos ou nível educacional parecido, sendo a classe burguesa ou a classe agrícola alguns exemplos desse tipo. (LE BON, 1938, p. 135)

Ainda no campo das aglomerações, mas passando terminologia a de massas, Canetti (1995) é uma leitura importante neste campo. Ele afirma que o homem tem medo o contato com o desconhecido, até quando caminha no meio de outras pessoas evita-se o contato ao máximo. Mas, segundo o autor, quando a massa atinge seu estado ideal em que todos são iguais, apresenta a propriedade de inversão do temor do contato. Ele classifica a massa em dois tipos: a massa aberta: “que é capaz de crescer até o infinito, está em toda parte e, por isso

mesmo, reclama um interesse universal” (CANETTI, 1995, p.15) e a massa fechada que apresenta um limite.

Canetti (1995) compreende que a massa fechada pode vir a se transformar numa massa aberta, pelo movimento que ele denomina de erupção, no qual ela deixa de se restringir ao seu espaço delimitado e ganha as ruas. Ele afirma que para o surgimento da massa é necessário que aconteça aquilo que chama de descarga: “trata-se do momento em que todos os que a compõem desvencilham-se de suas diferenças e passam a sentir-se iguais” (CANETTI, 1995, p.16). Outra característica que ele encontra presente nas massas de diversos lugares e em diversas épocas é a ânsia pela destruição. Mais outro aspecto que ele apresenta é que estes são dotados de um sentimento de perseguição “uma particular e irada suscetibilidade em relação àqueles que ela caracteriza definitivamente como inimigos” (CANETTI, 1995, p.21). Ele elenca as quatro principais características da massa como: a massa quer crescer sempre, no interior da massa reina a igualdade, a massa ama a intensidade e a massa necessita de uma direção.

Já em relação ao seu afeto dominante ele apresenta diferentes categorias. Denomina de massa de acoçamento aquela que tem uma meta definida e capaz de atingi-la rapidamente. Uma outra forma é a massa de fuga, esta por sua vez, forma-se devido a uma ameaça e tem seu fundamento na percepção individual de que estar em grupo é mais seguro. Outro tipo é a massa de proibição ou negativa, onde “um grupo de muitos *não* quer mais fazer o que até então faziam como indivíduos” (CANETTI, 1995, p.54) um exemplo deste tipo é de operários em greve. Outra forma é a massa de inversão que se encontra presente em sociedades bem estratificadas. Ocorre quando uma das classes dominadas, após um longo período de submissão e conseqüentemente um período de sentimentos de dor guardados, tem seu momento de busca de libertação, como narra Canetti:

Juntos, podem voltar-se contra aqueles que, até então, lhes davam ordens. A situação revolucionária pode ser encarada como a de uma tal inversão. E a essa massa, cuja descarga consiste principalmente de uma liberação conjunta dos agulhões fincados pelas ordens, há que se denominar *massa de inversão*. (CANETTI, 1995, p. 57)

Sloterdijk (2002) refere-se a este livro de Canetti (1995) como o “mais duro e engenhoso deste século [XX] a respeito da sociedade e dos homens” (SLOTERDIJK, 2002, p.13) e complementa a importância deste para pensar a força das massas “Para ele, não obstante, torna-se claro, como em nenhum outro lugar, o tema sociopsicológico básico do

século XX, que diz: arrebatamento através do ruim e do errado.” (SLOTERDIJK, 2002, p.14). Entretanto, de acordo com Sloterdijk, o entendimento de Canetti sobre as massas parece não condizer com a conjectura atual. Sloterdijk acredita que atualmente por serem produto de programas de comunicação em massa, ela deixou de precisar de uma experiência conjunta:

Agora se é massa sem que se veja os outros. As consequências disso é que as sociedades de hoje – ou se pode dizer: as pós-modernas – não mais se orientam primariamente pelas suas próprias experiências corporais, mas se observam apenas por meio de símbolos das comunicações de massa, de discursos, modas, programas e celebridades. (SLOTERDIJK, 2002, p.20)

Sloterdijk prossegue falando que esta massa atual perdeu muito de sua potência política, por uma certa tendência de se evitar o contato:

Onde ainda acontece que os muitos se esbarrem fisicamente em si mesmos, como massa de horário de pico e engarrafamentos, como multidão em reunião involuntária, eles mostram em cada um de seus átomos a tendência de passar apressado por si mesmos como por um obstáculo, e se amaldiçoar, qual uma impertinência um excesso, como matéria no lugar errado. Aqui eles são dominados pela evidência da desgraça de serem muitos. (SLOTERDIJK, 2002, pp. 23-24)

## **2.2 A coletividade para a psicologia analítica**

Jung também corrobora com a visão de Le Bon de que o grupo tem por sua formação um caráter de inconsciência, e que o indivíduo quando está fazendo parte de um grupo se coloca num nível de consciência abaixo do seu estado individual, agindo de forma diferente do seu normal, como podemos observar nesse fragmento:

O homem tem, de fato, razão em temer as forças impessoais que se acham ocultas em seu inconsciente. Encontramo-nos numa feliz inconsciência, uma vez que tais forças jamais, ou pelo menos quase nunca, se manifestam em nossas ações pessoais ou em situações normais. Por outro lado, quando as pessoas se reúnem em grande número, transformam-se em turba desordenada, desencadeando-se os dinamismos profundos do homem coletivo: as feras e demônios que dormitam no fundo de cada indivíduo, convertendo-o em partícula da massa. No seio da massa, o homem desce inconscientemente a um nível moral e intelectual mais baixo, que sempre existe sob o limiar da consciência, e o inconsciente está sempre pronto para irromper, logo que ocorra a formação e atração de uma massa. (JUNG, OC. XI, § 23)

Em outro recorte, Jung trabalha a formação da personalidade e o papel que a educação tem para o indivíduo, nele também relata sobre a ação desenfreada que o grupo possui:

O grupo, por causa de sua inconsciência, é incapaz de tomar uma decisão livre; é por isso que no grupo o psíquico atua como uma lei natural desenfreada. Desencadeia-se uma série de acontecimentos, ligados entre si por causa e efeito, que apenas cessará quando ocorrer a catástrofe. (JUNG, OC. XVII, § 303)

O próprio surgimento da massa é apontado por Jung como um reflexo de uma força inconsciente que tem poder de agrupar os indivíduos:

Como já mencionei aos senhores, a maré de primitividade, violência, em suma, a expressão de todos os poderes obscuros que havia crescido após a Primeira Guerra Mundial, anunciava-se nos sonhos individuais na forma de símbolos coletivos e mitológicos. No momento em que esses símbolos aparecem num grande número de indivíduos e não são assimilados, eles começam a unir com força magnética os indivíduos isolados. Assim tem origem uma massa. Rapidamente surgirá o líder no coração daquele que possuir a menor força de resistência, a menor consciência de responsabilidade e que, devido à sua inferioridade, demonstrar a mais forte vontade de poder. Libertará das correntes tudo o que está em estado de irrupção e a massa o seguirá com a força arcaica e incontrolável de uma avalanche. (JUNG, OC. X, § 449)

Outra questão acerca da coletividade para psicologia analítica é a importância do indivíduo para o grupo. Este assunto é pertinente também para aumentar a discussão sobre o processo de massificação das metrópoles. Para Jung devido à força da massa, o indivíduo possui um valor mínimo:

Além das aglomerações de grandes massas humanas nas quais o indivíduo, mais cedo ou mais tarde, desaparece, um dos principais fatores da massificação é o racionalismo científico. Este deita por terra os fundamentos e a dignidade da vida individual ao retirar do homem a sua individualidade, transformando-o em unidade social e num número abstrato da estatística de uma organização. Nesse contexto, o indivíduo só desempenha o papel de unidade substituível e infinitesimal. Do ponto de vista racional e exterior, não se consegue mais imaginar como se poderia atribuir alguma dignidade à vida humana individual e chega mesmo a se tornar ridículo falar de valor ou sentido do indivíduo, dada a evidência da verdade que se lhe contrapõe (JUNG, OC. X, § 501)

A força da massa tem por sua característica anular qualquer indivíduo que se diferencie do padrão dela:

Quanto maior for o número de indivíduos semelhantes, ou formados de modo semelhante tanto maior será a força coercitiva do exemplo que atua inconscientemente sobre os outros indivíduos que até então haviam resistido eficazmente ao método coercitivo, que tivesse razão ou não. Como o exemplo da massa exerce esta influência coercitiva por meio do contágio psíquico inconsciente, com o tempo isso forçará a extinção ou pelo menos a sujeição de todos aqueles indivíduos que possuírem a média normal de força do caráter individual. (JUNG, OC. XVII, § 255)

Conforme Sonu Shamdasani (2005), grande estudioso da obra junguiana e referência no âmbito internacional, Jung tinha a concepção de que a vida de uma mente estritamente coletiva era um traço dos primitivos: “Entre os ‘primitivos’, o funcionamento mental era essencialmente coletivo (...) o desenvolvimento individual procedia por intermédio da repressão da psique coletiva” (SHAMDASANI, 2005, p. 327) sendo essa força coercitiva do coletivo um impedimento a meta que o indivíduo possui em desenvolver ao máximo suas potencialidades e sua singularidade que, Jung, denominou de *individuação*<sup>5</sup>: “Jung estava claramente endossando a versão proposta por Tarde, para quem a sociedade era estruturada por imitação. Sua contribuição particular a essa noção consistia em dizer que a imitação prejudicava a *individuação*” (SHAMDASANI, 2005, p. 327).

Jung afirma que o processo de diferenciação do indivíduo perante a massificação só é possível com uma tomada de consciência da sua individualidade para fugir do estado de inconsciência de suas diferenças:

Só podemos dizer que os indivíduos são iguais somente na medida em que eles são amplamente inconscientes, isto é, inconscientes de suas diferenças reais. Quanto mais uma pessoa é inconsciente, tanto mais ela se conforma aos cânones do comportamento psíquico. Mas, quanto mais ela toma consciência de sua individualidade, tanto mais acentuada se torna sua diferença em relação aos outros indivíduos e tanto menos corresponderá ela à expectativa comum. Além disso, suas reações se tornam muito menos previsíveis. Isto se deve ao fato de que a consciência individual é sempre muito mais diferenciada e mais ampla. Mas, quanto mais ampla esta se torna, tanto mais ela perceberá as diferenças e tanto mais se emancipará também das normas coletivas, pois o grau de liberdade empírica será proporcional à extensão da consciência. (JUNG, OC. XI, § 344)

Entretanto, apesar das forças coercitivas do coletivo, Jung afirma que o indivíduo não pode viver sem a sociedade (conforme consta no último parágrafo do nosso capítulo 1), e que as convenções são necessárias para a vida em grupo:

A educação coletiva é indispensável e não pode ser substituída por nenhuma outra coisa. Vivemos na coletividade humana e precisamos de normas coletivas, do mesmo modo que devemos ter uma linguagem comum. Jamais devemos renunciar ao princípio da educação coletiva para favorecer o desenvolvimento da índole individual, por mais que desejemos que certas qualidades preciosas do indivíduo não sejam sufocadas pela educação coletiva. Precisamos ponderar que uma qualidade individual não representa algo de valioso em sentido absoluto, nem mesmo para o próprio indivíduo. (JUNG, OC. XVII, § 256)

---

<sup>5</sup> Segundo Stein (2006) *individuação* significa: “O processo do desenvolvimento psíquico que leva ao conhecimento consciente de totalidade. Não confundir com individualismo” (p. 205)

Mas Jung também afirma que essa necessidade vital do social pode ser um pouco relativizada, não devendo ser encarada como o fim único do ser:

Por isso o homem não pode existir sem a sociedade, do mesmo modo que ele também não pode subsistir sem oxigênio, água, albumina, gordura etc. Como essas substâncias, a sociedade também é uma condição necessária à sua existência. Seria ridículo dizer que o homem vive para poder respirar o ar. Igualmente ridículo seria dizer que o indivíduo existe para a sociedade. “Sociedade” é um simples conceito para a simbiose de um grupo humano. Um conceito não é portador de vida. O único portador natural de vida é o indivíduo, e assim é na natureza inteira. “Sociedade” ou “Estado” é uma soma de portadores de vida, e simultaneamente, enquanto organização dos mesmos, uma das mais importantes condições de vida. Por isso também não é bem verdade que o indivíduo só pode existir como partícula de uma sociedade. Em todo caso, o homem pode viver muito mais tempo sem Estado do que sem ar. (JUNG, OC. XVI, § 224)

### **2.3 Potencialidades das multidões**

O próprio Gustave Le Bon reconheceu atributos positivos sobre esses agrupamentos, e um desses é no que diz respeito a moralidade delas. Ele acredita deve se expandir o conceito de moralidade para além da conformidade as normas sociais e a repressão de impulsos egoístas e pensando assim, a moralidade como uma qualidade, nas palavras dele: “o aparecimento momentâneo de certas qualidades, tais como a abnegação, a dedicação, o altruísmo, o auto-sacrifício, o desejo de equidade, poderemos dizer que as multidões são, pelo contrário, susceptíveis da mais elevada moralidade” (LE BON, 1938, p. 34), virtudes estas que demonstram a potencialidade de luta encarando o sacrifício para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Surowiecki (2006) é um dos entusiastas que focam na potencialidade construtiva das coletividades. Em sua obra *A Sabedoria das Multidões* o autor reúne uma série de exemplos em que o conhecimento de uma multidão em resolver um problema era mais preciso do que a o resultado individual. Ele estuda diversos tipos de grupos que conseguem ter bons resultados atuando de forma conjunta: “eu sigo o caminho de Le Bon, dando às palavras ‘grupo’ e ‘massa’ definições amplas, usando as palavras para me referir a tudo, desde plateias de game-shows a empresas multibilionárias, passando por uma massa de apostadores em esporte” (SUROWIECKI, 2006, p.15). Seus exemplos vão desde a média das estimativas em dos participantes de um concurso para acertar o peso de um gado e a um grupo de participantes tentando acertar o número de jujubas em um pote.

Ele estuda diversos tipos de problemas em que a colaboração dos grupos pode resolver. Os primeiros são os problemas cognitivos: “problemas que têm ou terão soluções definitivas” (SUROWIECKI, 2006, p. 16); o segundo, os problemas de coordenação: “os problemas de coordenação exigem que os membros de um grupo (mercado, passageiros do metrô, universitários em busca de uma festa) descubram como coordenar o seu comportamento com os outros” (SUROWIECKI, 2006, p.16) e, por fim, os problemas de cooperação que “envolvem o desafio de levar pessoas desconfiadas e egoístas a trabalharem juntas, mesmo quando o interesse pessoal pareça determinar que nenhum indivíduo deveria participar” (SUROWIECKI, 2006, p. 17), mas para que a multidão tenha um bom desempenho é necessário que sejam mantidos alguns requisitos básicos: “diversidade, independência e um tipo específico de descentralização” (SUROWIECKI, 2006, p.17). Sobre essas condições ele afirma que “a diversidade ajuda porque ela realmente acrescenta perspectivas que de outra forma estariam ausentes e porque ela elimina, ou pelo menos enfraquece, algumas das características destrutivas da tomada de decisão grupal” (SUROWIECKI, 2006, p. 54) em relação à independência ele ressalta que ela impede que erros cometidos por um sejam corroborados por outros integrantes e por ela permitir um indivíduo possa conseguir novos dados para o grupo permitindo um novo ponto de vista, e por fim a descentralização que é importante por permitir decisões de quem tem uma visão mais próximas dos problemas: “o poder não está instalado em um ponto central, e muitas das decisões importantes são tomadas mais por indivíduos, com base no conhecimento específico e local, que por um planejador onisciente e de grande visão”. (SUROWIECKI, 2006, p. 102)

Outro evento interessante que ajuda a pensar os movimentos da coletividade são os rituais coletivos, uma vez que estes parecem ter tido uma função importante para os nossos antepassados e ainda se encontram presentes em diversas culturas ao redor do globo. Segundo Ehrenreich (2010) muitos pesquisadores e exploradores tiveram contato com rituais coletivos de povos ditos como “primitivos”<sup>6</sup>. As reações a tais manifestações, devido ao etnocentrismo vigente, eram de estranhamento e repulsa, e muitos relatam enfatizando a promiscuidade e tratando como rituais de adoração ao diabo. Uma condição interessante a estes pesquisadores era o estado de transe proporcionado pelos rituais extáticos:

---

<sup>6</sup> Durante muitas décadas a ciência ocidental se referiu a povos indígenas, africanos, aborígenes entre outros com o termo de selvagens ou primitivos, impregnados com a visão idealizada de evolução para um estágio mais civilizado, supostamente, alcançado com a filosofia do iluminismo no mundo ocidental.

Singularmente perturbador para observadores brancos era o ocasional clímax do ritual extático, no qual alguns ou todos os participantes, depois de danças e cantorias prolongadas, entram no que agora poderíamos chamar de ‘estado alterado de consciência’, ou transe. As pessoas tomadas pelo transe podem falar com vozes ou linguagens estranhas, demonstrar indiferença à dor, contorcer os corpos de maneira aparentemente impossível na vida normal, espumar pela boca, ter visões, acreditar que estão possuídos por um espírito ou Deus e por fim colapsar. (EHRENREICH, 2010, p.14)

Uma característica narrada é que os pensadores da época tentavam atribuir os estados de consciência alterados a uma mente mais infantil dos povos ditos primitivos, mais suscetíveis a autossugestões, entretanto pesquisadores posteriores encontraram características análogas em outras situações que ocorriam com os europeus como, por exemplo, os cultos heréticos “convulsionários” parisiense e alguns aspectos do Carnaval. Mas de uma forma geral, a concepção do êxtase grupal pelo europeu nasce impregnado por uma visão tendenciosa:

O êxtase grupal era algo que ‘outros’ experimentavam – selvagens ou europeus de classe baixa. De fato, a capacidade para o abandono, para a perda de si nos ritmos e nas emoções do grupo, era uma característica definitiva do ‘selvagem’ ou alteridade em geral, assinalando alguma fatal fraqueza da mente. (EHRENREICH, 2010, p. 18)

Com o posterior avanço das ciências sociais, com uma visão menos etnocêntrica, foi possível ter uma aproximação mais apropriada sobre o êxtase grupal, buscando uma função para eles como, por exemplo:

Na antropologia funcionalista, que chegou a plenitude nos anos 1940 e 1950, muitas das aditividades dos povos nativos que antes pareciam bizarras foram explicadas da seguinte maneira: eram mecanismos para alcançar coesão e gerar sentimentos de unidade. Os norte-americanos tentavam conseguir a mesma coisa por meio de rituais patrióticos e religiosos; os “nativos” simplesmente tinham uma abordagem diferente (EHRENREICH, 2010, p.20)

Ainda segundo Ehrenreich, Víctor Turner foi um dos antropólogos que mais reconheceu a universalidade do êxtase coletivo, para ele tal acontecimento pode ser considerado como “uma expressão do que chamou de *communitas*, isto é, em poucas palavras, o amor espontâneo e a solidariedade que podem surgir numa comunidade de iguais” p.20. Turner também se destaca em sua área por atribuir um lugar na antropologia para o grupo extático, a espontaneidade e a indisciplina. Entretanto, em seu entendimento a sociedades estão centradas em suas hierarquias e regras, em que os rituais extáticos apenas proporcionavam um alívio afim de que a estrutura não fosse demasiadamente rígida. Outra

contribuição importante deste antropólogo foi de apresentar elementos comuns desses rituais: “Esses elementos de rituais extáticos e festividades – música, dança, comida, bebida ou a indulgência em relação a outras drogas de alteração da mente, fantasias e/ou várias formas de auto adorno, como pintura do rosto e do corpo – parecem universais” (EHRENREICH, 2010, p.29)

A vida gregária é uma moralidade de estruturação social já presente nos primatas e a dança grupal parece ter sido uma das expressões mais antigas da interação social, sendo possível encontrar representações delas em muitas pinturas rupestres: “A dança festiva não era uma matéria rara ou casual para os artistas pré-históricos” (EHRENREICH, 2010, p.34). Ehrenreich diz que, segundo o arqueólogo israelense Yosef Garfinkel, as cenas de danças grupais era o tema mais frequente para descrever a interação social nos períodos Neolítico e Calcolítico. Então a dança parece ter exercido um papel muito importante para os povos daquela época:

Antropólogos tendem a concordar que a função evolucionária da dança era capacitar – e encorajar – humanos a viverem em grupos maiores do que pequenos conjuntos de indivíduos da família mais próxima. Presume-se que a vantagem dos grupos maiores seja a mesma que existe para os primatas que ainda vivem nas selvas: grupos maiores são mais aptos a se defender contra os predadores (EHRENREICH, 2010, pp. 35-36)

## CAPÍTULO III - CIBERCULTURA E INTERAÇÃO SOCIAL

### 3.1 Cibercultura

Para situarmos a influência da tecnologia no contexto dos grandes centros urbanos contemporâneos torna-se necessário traçar um breve histórico da importância da técnica para o homem, para podermos nos referir a um pensamento sobre a tecnologia, culminando com uma compreensão do contexto da cibercultura. Pinto (2008) descreve que a "era tecnológica" é utilizada muitas vezes como uma ideologia que é aplacada nas massas "fazendo-as crer que têm a felicidade de viver nos melhores tempos jamais desfrutados pela humanidade" (PINTO, 2008, p. 41), prosseguindo ele esmiúça este processo afirmando que existe uma transformação da obra técnica em valor moral, pois uma vez que a sociedade atual é considerada melhor porque tem a capacidade de produzir as maravilhas tecnológicas, e o indivíduo deve se sentir grato de viver nesta época mais especial do que qualquer momento da história. Ele afirma que essa valorização é benéfica as elites detentoras dos serviços tecnológicos prestados à humanidade.

Humberto Galimberti é mais um autor que contribui para entendermos o contexto de nossa época. Ele realiza uma verdadeira arqueologia sobre o pensamento acerca da relação do homem com a técnica, evocando grandes filósofos como Kant, Platão, Hegel e outros para fundamentar seus apontamentos. Uma das afirmações de Galimberti é a subordinação do homem ao aparato técnico:

Certamente, quanto mais a sociedade se faz complexa e interdependente, mais as infraestruturas técnicas condicionam praticabilidade do agir, mais o sujeito aparece como resultado e não como promotor da ação, e a sua ação mais como função prevista pelo sistema do que como expressão de si. Assistimos assim ao declínio da identidade na funcionalidade e ao nascimento de um "sujeito póstumo" que definimos como tal porque não promove ações, mas nasce dessas ações as quais sendo descritas e prescritas pela lógica do sistema por sua vez condicionada pela disponibilidades das estruturas técnicas, são sempre menos "ações" e cada vez mais "funções". (GALIMBERTI, 2006, p. 632)

Antes de iniciar o debate sobre cibercultura, cabe uma breve reflexão sobre o termo cultura. Santaella (2003) diz que apesar da existência de várias definições, uma sucinta e que é pertinente, é "a cultura é a parte do ambiente que é feita pelo homem" (p.31) e que dentre as concepções entre diversos autores eles parecem concordar em alguns pontos como "a cultura

é aprendida, que ela permite a adaptação humana ao seu ambiente natural, que ela é grandemente variável e que se manifesta em instituições, padrões de pensamento e objetos materiais” (SANTAELLA, 2003, p.30). A autora afirma que civilização e tradição são alguns dos sinônimos de cultura, mas que seus usos sofreram variações ao decorrer do tempo.

Santaella (2003) também resume que existem duas visões primordiais de se compreender a cultura:

as humanistas, de um lado, e as antropológicas de outro. As primeiras são seletivas, concebendo como culturais apenas alguns segmentos da produção humana em detrimento de outros considerados não-culturais. As antropológicas são não seletivas, pois aplicam o termo cultura à trama total da vida humana numa dada sociedade, à herança social inteira e a qualquer coisa que pode ser adicionada a ela (p.51)

Lemos (2002) também apresenta uma definição de cultura: “é aquilo que se cultiva, que faz nascer, que dá forma. A cultura é, então, o conjunto das formas sociais que emergem do conflito entre o homem e a natureza, construindo o que chamamos temporariamente de realidade” (p.283). Mangnani (2008) destaca a recriação constante da cultura, para ele “mais do que uma soma de produtos, é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado” (p.26).

Conforme Rüdiger (2011) a criação do termo cibercultura surge no contexto dos grandes avanços tecnológicos do século passado, e é de autoria da engenheira, informata e empresária Alice Hilton, que fundou o Instituto de Pesquisas Ciber Culturais em 1964. Ele aponta que ela destacava já naquela época a dimensão ética da influência das novas tecnologias: “A humanidade está agora posta na situação de ter de escolher entre a educação emancipatória e o lazer criativos, de um lado, e a adaptação mecânica e a idiotia apática, de outro” (p. 8). Rüdiger define a cibercultura como:

a expressão que serve à consciência mais ilustrada para designar o conjunto dos fenômenos cotidianos agenciados ou promovidos com o progresso das telemáticas e seus maquinismos. Afinando o conceito um pouco mais, poderia bem ser definida como a formação história, ao mesmo tempo prática e simbólica, de cunho cotidiano, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas de comunicação (RÜDIGER, 2011, p.11)

Um termo decorrente da cibercultura é o chamado ciberespaço. Segundo Santaella “a palavra foi inventada e empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancer*” (SANTAELLA, 2003, p.99) e depois passou a ter utilização acadêmica passando a ser compreendido como “uma realidade multidimensional

artificial ou virtual globalmente em rede, sustentada e acessada pelo computador” (SANTAELLA, 2003, p.99). Lemos (2002) apresenta duas formas que acredita ser possível entender o ciberespaço “como o lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado (realidade virtual), e como o conjunto de redes de computadores, interligados ou não, em todo planeta, a internet” (p. 137). Lévy (1994), referência nos estudos sobre a cibercultura, elenca alguns exemplos de dispositivos do ciberespaço:

O hipertexto, a multimídia interativa, os *videogames*, a simulação, a realidade virtual, a telepresença, a realidade aumentada (o ambiente físico esta cheio de captadores, módulos inteligentes e comunicantes ao serviço), os *groupwares* (instrumentos de ajuda na cooperação), os programas neuromiméticos, a vida artificial, os sistemas especialistas etc. (LÉVY, 1994, p.104)

A interação com toda essa realidade sempre é mediada por um dispositivo, tendo na interface o processo de mediação: “a conexão humana com as máquinas e mesmo à entrada humana em um ciberespaço que autocontém. De um lado a interface indica os periféricos de computador e telas dos monitores; de outro, indica a atividade humana conectada aos dados através da tela”. (SANTAELLA, 2003, p.91)

As novas TICs têm um largo espectro de utilização e vêm alterando de forma bastante acelerada diversas áreas do conhecimento humano. Dentre alguns dos seus possíveis usos podemos citar o da saúde, da educação e o da segurança, além do entretenimento e do marketing num mercado “neoliberal” que na segunda metade do século XX transforma, radicalmente, o social ocidental e oriental à luz da palavra de ordem: “globalização”.

Muitos estudiosos vêm pesquisando sobre o impacto da tecnologia no comportamento da humanidade. Sobre os pensadores da cibercultura, Rüdiger(2011) os divide em três tipos: (1) os tecnófilos que possuem uma visão bem otimista da influência da tecnologia e acreditam que ela ajuda a construir um mundo melhor; (2) os conservadores midiáticos que acreditam que a produção na mão de qualquer pessoa significa uma humanidade melhor, pois não é possível garantir a qualidade do que é produzido, e isso contribui para um culto ao amadorismo e, (3) os cibercriticistas que apontam que não podemos pensar as influências da tecnologia fora do sistema econômico do qual estamos inseridos, e que interfere em sua produção.

Com tais norteadores, podemos nos aproximar de exemplos de utilização da tecnologia para produção de mudanças nas dinâmicas sociais estabelecidas, sem achar que ela é a

solução para todos os problemas da humanidade, mas que ela gera a possibilidade de criação e de circulação de um discurso alternativo.

Don Tapscott trabalha o tema sobre como uma nova geração que já nasce inserida na internet vem transformando diversas instituições. Dentre algumas das características encontradas no universo das pessoas inteiradas com as tecnologias ele destaca sua atitude colaborativa e sua constante conectividade:

Os Jovens da Geração da Internet são colaboradores naturais(...) Eles colaboram on-line em grupos de bate-papo, jogam videogames com vários participantes, usam e-mail e compartilham arquivos para a escola, para o trabalho ou simplesmente para se divertir. Influenciam-se mutuamente por meio do que chamo de redes de influência, nas quais discutem marcas, empresas, produtos e serviços. Levam, para o trabalho e o mercado, uma cultura de colaboração e se sentem à vontade usando novas ferramentas on-line para se comunicar. Gostam de ficar em contato com os amigos usando seus BlackBerrys ou celulares onde quer que estejam – na rua, na loja ou no trabalho. (TAPSCOTT, 2010, p. 110)

Lévy (1994) também corrobora com essa potencialidade da colaboração, com o seu conceito de inteligência coletiva que ele define como: “É uma inteligência distribuída por toda parte incessantemente valorizada coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 1994, p. 28) e complementa que o alicerce e o objetivo dela “é o reconhecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas” (LÉVY, 1994, p. 29).

Clay Shirky também é mais um pensador que aborda o tema supracitado, ele aponta que a presente geração que se encontra conectada vem apresentando mudanças, saindo de um papel de consumidor passivo, para um cidadão que participa efetivamente da criação de sua cultura:

Quando alguém compra uma TV, o número de consumidores aumenta em um, mas o número de produtores permanece o mesmo. Por outro lado quando alguém compra um computador ou um telefone celular, tanto o número de consumidores quanto o de produtores aumenta em um. O talento continua distribuído de forma desigual, mas a capacidade bruta de criar e compartilhar é agora largamente distribuída e cresce a cada ano. (SHIRKY, 2011, p. 53)

Não só a participação e a conexão de pessoas foram os resultados proporcionados pelo avanço tecnológico, a livre circulação de conteúdo é uma das grandes mudanças dos últimos tempos. Sobre essa nova possibilidade de veiculação e sua potencialidade Silveira afirma:

Na rede, os bens imateriais estão liberados de seus suportes, podem ser transferidos sem escassez e desgaste de seus originais. Mais do que isso, a rede

passou a ser o modo mais veloz de transferir uma música, um texto ou uma imagem. Esta capacidade cresce com a ampliação da largura de banda, da quantidade de bits que pode ser transferida por segundo em uma conexão de rede. (SILVEIRA, 2011, p. 266)

As TICs facilitam a criação e disseminação de conteúdo através de uma nova rede de informação em contraposição a uma época em que a produção se encontrava na mão das grandes corporações. Além de alterações desta ordem, uma das grandes mudanças que a internet tem proporcionado é no quesito da interação humana: “a internet favorece aquilo que realmente cria a comunidade – a interação humana. As pessoas precisam apenas compartilhar interesses ou objetivos e encontrar umas às outras”(DYSON *apud* BARBOSA; CANESSO, 2004, p.183).

O sociólogo, Michel Mafessoli(2010) também reconhece os pontos positivos das novas possibilidades de comunicação:

Graças à Internet, na realidade, uma nova ordem comunicativa está se estabelecendo. Ela favorece os encontros – o fenômeno do flash-mob é testemunha -, onde, por coisas fúteis, sérias ou políticas, mobilizações se fazem ou desfazem no espaço urbano e virtual. O mesmo acontece com o streetbooming, que permite, nas grandes metrópoles contemporâneas, nestas selvas de concreto que favorecem o isolamento, que pessoas, se conheçam, criando assim uma nova forma de estar junto, fundada sobre o compartilhamento da criatividade (MAFESSOLI, 2010, p. 54)

Entretanto também devemos estar atentos ao excesso de utilização destes meios de comunicação em detrimento do contato humano presencial que é fundamental para nossa existência. Por todas as potencialidades e transformações causadas na nossa sociedade o campo da cibercultura é dotado de uma projeção mítica e uma imaginação fantasiosa com relação ao futuro da tecnologia. Entretanto diversas fantasias do passado já estão sendo testadas com projetos pilotos, como a operação de computadores via ondas cerebrais e o desenvolvimento de um aparelho para captar temas dos sonhos. Além disso, o *Stuxnet*<sup>7</sup> e os esquemas de espionagem narrados por Edward Snowden que são realidades que parecem ter saltado de livros de ficção científica.

Um conceito decorrente da cibercultura é o de cibercidade, trata-se de uma ideia que tem como intuito de destacar a influência das novas TICs no espaço público urbano, podendo ser definidas como: “um processo de transformação e evolução das cidades pós-industriais,

---

<sup>7</sup> É um *worm* (arquivo malicioso) projetado para atacar dispositivos eletrônicos que integravam o sistema de enriquecimento de urânio do Irã, sendo considerado por muitos como a primeira arma de guerra digital.

que contribuem com o desenvolvimento e potencialização das virtudes da cidade real e nos condizem ao paradigma informacional” (BARBOSA; CANESSO, 2004, p.176). Para Lemos (2004) não se deve encará-las como algo tão revolucionário, pois isto leva a ilusões de uma utopia tecnológica, mas devemos encará-las como a potencialidade dessas novas tecnologias em gerar novas formas de comunicação e apropriação do espaço público. Nas palavras dele; “As cibercidades passam a ser pensadas como formas de reestabelecer o espaço público, colocar em sinergias diversas inteligências coletivas, ou mesmo reforças laços comunitários”. (p.22)

### **3.2. Laços sociais**

Nossos laços sociais possuem uma potencialidade de nos conectar com praticamente qualquer pessoa do planeta. A maioria das pessoas não tem ideia ou no mínimo subestimam essa capacidade. Buchanan (2009) apresenta uma série de estudos que demonstram algumas descobertas interessantes sobre a importância dos laços sociais. Uma das pesquisas apresentadas por ele que cabe ressaltar é a de Stanley Milgram, que largou cartas em locais públicos em que o destino final eram um corretor de Boston, mas que não continha seu endereço e os que achavam a carta enviaram para pessoas as quais acreditavam que podiam encaminhar para o destinatário. Uma das constatações que o estudo obteve foi que para a maioria das cartas chegarem até o destino passaram por seis pessoas. Milgram posteriormente realizou mais um experimento para testar se isto funcionaria com grupos sociais mais distintos e sabendo da segregação racial nos Estados Unidos daquela época e no mesmo molde da última experiência fez com que cartas de brancos de Los Angeles fossem encaminhadas para um negro de Nova Iorque previamente escolhido aleatoriamente, em que o resultado também foi de cerca de seis etapas até o destino final. Esses experimentos tratam do fenômeno do “mundo pequeno” que se refere a ideia de que duas pessoas que se encontram em lados opostos do planeta não estão tão distantes socialmente falando, pois elas estão conectadas por um número relativamente pequeno de pessoas que se conhecem. Outro estudo citado por Buchanan é o de Granovetter que se debruçou sobre a qualidade dos laços e suas implicações em um universo social. A sua descoberta pode ser resumida pelo título de seus artigos sobre o tema publicado: *A força dos laços fracos*, pois são os laços sociais fracos que permitem aos indivíduos se conectar a uma rede de pessoas mais distantes abrindo uma maior conexão para outras pessoas do mundo e são eles que mantêm uma maior unidade: “laços

fracos frequentemente têm mais importância do que laços fortes, porque agem como ligações cruciais que costuram o tecido social. São os ‘atalhos’ sociais que, se eliminados levariam a rede a se desmanchar (BUCHANAN, 2009, p.28).

Boase & Wellman (2008) empreendem o estudo sobre os tipos de vírus biológicos, computacionais e de mercado para tentar compreender a influência das redes na propagação. Os autores utilizam da expressão vírus biológicos, para se referir a transmissão de vírus e bactérias, e eles afirmam que apesar dos três tipos de vírus serem diferentes eles apresentam algumas características similares como a condição de que com uma maior exposição resulta numa maior contaminação e seus mecanismos de propagação que em redes densas se espalham rapidamente, enquanto em redes esparsas se proliferam mais devagar entretanto atingem lugares mais afastados. Eles apresentam as diferenças entre eles como no caso dos vírus biológicos que se transmitem através do contato com seres humanos ou animais. Não é necessário para a transmissão deste que haja contato direto, mas apenas, que dois indivíduos estejam próximos e esse requisito faz com que ele seja classificado como lento no quesito propagação. Os vírus computacionais “são deliberadamente produzidos por *hackers* ou especialistas em ciberguerra” (BOASE; WELLMAN, 2008, p. 68) tanto o transmissor quanto o receptor não precisam estar próximos e sua velocidade de transmissão é alta. E o terceiro tipo que ele trabalha é o vírus de mercado<sup>8</sup> que se refere ao marketing boca-a-boca que a internet possibilitou novas maneiras, facilitando o contato com muitas pessoas e independente da distância que elas estejam. Sua transmissão ocorre com velocidade de baixa a média, e ele possibilita a disseminação de um modismo chegando principalmente através dos elos fortes: “as pessoas tendem a recebê-lo bem, porque o vírus de mercado carrega consigo nova informação, uma chance de sentimento de aceitação social, reconhecimento e estar na ‘última moda’” (p.70). Eles afirmam que a estrutura de rede presente no mundo real é uma combinação de redes densas e ramificadas, que eles chamam de glocal.

Capra (2008) também trata da importância das redes na organização de todos os sistemas vivos e procura pontos em comum e de discrepância do modo de operação das redes

---

<sup>8</sup> Também conhecidos como marketing viral que é uma: “modalidade de marketing baseada na divulgação boca-a-boca, feita pelos próprios clientes (consumidores, usuários, leitores etc.) junto a seus conhecidos” (BARBOSA; RABAÇA, 2001, p. 471)

biológicas com as redes sociais. Ele afirma que o estudo sobre as redes teve grande repercussão no campo da biologia e ecologia:

Como o conceito de rede tornou-se cada vez mais proeminente em ecologia, pensadores sistêmicos começaram a usar modelos de rede em todos os níveis dos sistemas, vendo organismos como rede de células, e células como redes de moléculas, assim como ecossistemas são entendidos como redes de organismos individuais (CAPRA, 2008, p. 18)

Um dos motivos é porque as redes vivas não são estruturas materiais, mas são padrões não materiais de relações e reações. A característica principal que ele observou nas redes vivas é a autogeração:

no organismo multicelular, as células são continuamente regeneradas e recicladas pela rede metabólica do organismo. Redes vivas são autogenerativas. Elas criam-se e recriam-se continuamente, transformando-se ou substituindo seus componentes. Neste sentido, elas passam por mudanças estruturais contínuas enquanto preservam seu padrão de organização similar a redes (CAPRA, 2008, p.20)

Outra característica que ele apresenta é a questão da identidade dos indivíduos e o meio que se inserem. Os organismos possuem algum tipo de membrana que o identifica, diferenciando-o do meio, sobre essas estruturas que fazem algum limite e produzem uma troca do indivíduo com o meio ele diz: “todas essas atividades ajudam a manter a rede celular como uma entidade distinta e a protege de influências prejudiciais do entorno. Os limites das redes vivas, então, não são limites de separação, mas limites de identidade” (CAPRA, 2008, p.21)

Capra tem se dedicado a utilizar o modelo sistêmico da vida para o campo social. O autor defende a ideia de que “diferentes sistemas vivos apresentam padrões similares de organização” (CAPRA, 2008, p. 22). Apesar desses padrões se tornarem cada vez mais complexos com o passar do tempo são variações dos temas básicos. Mas ele reconhece que não se trata de aplicar diretamente o modelo sistêmico, porque as “redes sociais são antes de tudo, redes de comunicação que evoluem linguagem simbólica, restrições culturais, relações de poder etc.” (CAPRA, 2008, p.22). Ele compara as características dos tipos de redes estudadas e diz que “assim como redes biológicas, elas são autogenerativas, mas o que geram é imaterial” (CAPRA, 2008, p. 23) como podemos ver nas suas palavras:

Enquanto as comunicações continuam nas redes sociais, elas formam ciclos múltiplos de retroalimentação que finalmente produzem um sistema compartilhado de crenças, explicações e valores – um contexto comum de

sentido, também conhecido como cultura, que é continuamente apoiado em comunicações seguintes. Por meio dessa cultura, os indivíduos adquirem identidade como membros da rede social e, nesse sentido, a rede gera seu próprio limite. Não é um limite físico, mas um limite de expectativas, de confiança e lealdade, o qual é permanentemente mantido e renegociado pela rede de comunicações (CAPRA, 2008, p.23)

## CAPÍTULO IV - A OCUPAÇÃO DA CIDADE

### 4.1 Processo de urbanização

Os eventos estudados aconteceram nos espaços públicos das grandes cidades. Sendo assim, é importante fazer uma breve retrospectiva do processo de urbanização e da construção do modelo de funcionamento da vida no espaço público. Não temos aqui o intuito de esmiuçar a história das cidades. Diversos autores já se dedicaram a esta empreitada, e é um tema bastante abrangente que demandaria um trabalho direcionado somente a isto, mas procuramos aqui trazer elementos para que possamos pensar o papel das cidades e suas implicações enquanto um produto da humanidade destinado a si mesmo e suas implicações para a cidadania.

Segundo Carlos (1994), o urbano deve ser considerado mais do que uma organização espacial e ser pensado como um estilo de vida:

O urbano é um produto do processo de produção num determinado momento histórico, não só no que se refere à determinação econômica do processo (produção, distribuição, circulação e troca) mas também as sociais, políticas, ideológicas, jurídicas que se articulam na totalidade de formação econômica e social. Desta forma, o urbano é mais que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir; enfim um modo de vida. E, toda via, na materialização da divisão espacial do trabalho que aparecem as relações contraditórias do processo de reprodução do capital. (p. 84)

A autora afirma que as forças do mercado têm um papel essencial na articulação entre esses diversos agentes que tem o intuito de se apropriar dos espaços:

O uso do solo urbano será disputado pelos vários segmentos da sociedade de forma diferenciada, gerando conflitos entre indivíduos e usos. Esse pleito será, por sua vez, orientado pelo mercado, mediador fundamental das relações que se estabelecem na sociedade capitalista, produzindo um conjunto limitado de escolhas e condições de vida. Portanto, a localização de uma atividade só poderá ser entendida no contexto do espaço urbano como um todo, na articulação da situação relativa dos lugares. (CARLOS, 1994, pp. 86-87)

A cidade possui várias apropriações e várias forças que interagem para a sua construção e utilização: para o produtor de mercadorias é vista como um lugar que permite a produção, distribuição, circulação e consumo de matérias-primas e serviços que auxiliam a produção. Já para o morador a cidade é o meio de consumo de bens e serviços e o espaço de habitação e suas necessidades, e o uso do solo é então determinado por vários fatores que

estão ligados ao modo de produção. As zonas de produção têm a lógica do conglomerado de infraestruturas, e vias expressas que facilitem a escoação de mercadorias. As áreas de atividade comercial, por sua vez, prezam pela facilidade de acesso à população. E também existe a setorização no uso residencial, pois é possível verificar a existência de áreas designadas para pessoas com maior ou menor poder aquisitivo (Carlos, 1994).

Desenvolvendo um pouco mais essa questão do acesso à moradia, a autora diferencia algumas das características sobre a moradia daqueles que têm maior rendimento financeiro e aqueles que têm menor poder aquisitivo:

(...) as primeiras tendem a localizar-se em bairros arborizados, amplos, com completa infra-estrutura, em zonas onde o preço da terra impede o acesso a 'qualquer um'. Há, também, os condomínios exclusivos e fechados, com grandes áreas de lazer e até *shoppings* com grande aparato de segurança. Os segundos têm como opção os conjuntos habitacionais, geralmente localizados em áreas distantes dos locais de trabalho da população que lá mora, os bairros operários com insuficiências ou mesmo com ausência, de infra-estrutura, e as áreas periféricas onde abundam auto construções. (CARLOS, 1994, pp.95-96)

Castells (2006) também se debruça sobre o processo de urbanização, apresentando uma visão crítica das teorias urbanistas mais populares, em que seu foco maior não é propriamente a cidade, ele direciona sua atenção nos processos econômicos e sócio-políticos que resultam na produção desses espaços. Para o autor o termo urbanização refere-se:

(...) ao mesmo tempo à constituição de formas espaciais específicas das sociedades humanas, caracterizadas pela concentração significativa das atividades e das populações num espaço restrito, bem como à existência e à difusão de um sistema cultural específico, a cultura urbana (CASTELLS, 2006, p. 46).

Entretanto para ele essa cultura urbana não passa de um mito, produto de uma "ideologia urbana" difundida por autores com visões liberais com o intuito de preservar as estruturas socioeconômicas, características do capitalismo industrial, e também, para se naturalizar certos problemas experienciados nas cidades como consequentes destes modelos espaciais. Castells também desmistifica uma ideia errada e altamente difundida de que o crescimento econômico resulta num processo de urbanização, ele assinala a existência de estudos que afirmam isso, mas estes restringem suas pesquisas a alguns países, sendo possível encontrar casos em que não existe essa correlação. Ele aponta também que a literatura a respeito do tema apresenta o termo hiperurbanização para delimitar os casos onde o crescimento urbano é maior do que o crescimento econômico esperado, sendo está uma

constante nas regiões subdesenvolvidas. Além deste fato, a urbanização latino-americana possui ainda outras características:

(...) população urbana sem medida comum com o nível produtivo do sistema; ausência de relação direta entre emprego industrial e crescimento urbano; grande desequilíbrio na rede urbana benefício de um aglomerado preponderante; aceleração crescente do processo de urbanização; falta de empregos e de serviços para novas massas urbanas e, conseqüentemente, de reforço da segregação ecológica das classes sociais e polarização do sistema de estratificação no que diz respeito ao consumo (CASTELLS, 2006, p.99).

O autor atribui importância à região metropolitana, pois esta forma especial de organização é reflexo das sociedades industriais capitalistas, chamando atenção não só pelo tamanho mas também pela “difusão no espaço das atividades, das funções e dos grupos e sua interdependência segundo uma dinâmica social amplamente independente da ligação geográfica” (CASTELLS, 2006, p.53).

Para Wirth (1939) as necessidades básicas de habitação são um dos problemas do mundo contemporâneo, o qual temos que enfrentar. Conforme a civilização ocidental evolui aumenta as demandas básicas, não sendo habitação apenas um lugar de abrigo, mas a mesma deve prover:

(...) acesso a luz e ar, instalações para o preparo e consumo de comida, instalações para banho e necessidades sanitárias, privacidade, atividades recreativas, segurança física do indivíduo, condições conducentes à vida da família e à criação de filhos, fácil acesso a lugar de trabalho e shopping centers, e instituições educacionais, religiosas e culturais necessárias. (p. 26, TN<sup>9</sup>)

## **4.2 Espaços públicos urbanos**

A vida nas grandes cidades produz em seus habitantes modos de se comportar para atender as demandas do ritmo de vida acelerado exigido pela sociedade. A velocidade do caminhar, a pouca ocupação dos espaços públicos, a falta de sensibilidade ao seu redor, por ser bombardeado por um número sem fim de estímulos, e uma maior preservação do contato com os desconhecidos são algumas das características daqueles que vivem nos maiores

---

<sup>9</sup> “the dwelling must provide access to light and air, facilities for the preparation and consumption of food, bathing and toilet facilities, privacy, recreational activities, the physical safety of the person, conditions conducive to family life and the rearing of children, easy access to place for work and shopping centers, and the requisite education, religious, and cultural institutions”

centros urbanos. O cotidiano destas cidades gera um fluxo de massas com comportamento mecanizado, pois estes partilham de um mesmo código de conduta estabelecido.

Para compreender tais formas de agir presentes nos centros urbanos é preciso buscar uma maior compreensão sobre o processo civilizatório da sociedade ocidental. Norbert Elias descreve com grande clareza o processo histórico no qual a sociedade ocidental se desenvolveu na direção de se tornar cada vez mais civilizada. O controle do comportamento foi aumentando durante o processo que também abrandou o nível de agressividade. Uma das grandes causas para a regulação da conduta ele afirma ser a divisão e diferenciação das funções sociais, uma vez que com essa repartição de tarefas o indivíduo acaba ficando mais dependente dos outros de sua sociedade:

(...) à medida que mais pessoas sintonizavam sua conduta com a de outras, a teia de ações teria que se organizar de forma sempre mais rigorosa e precisa, a fim de que cada ação individual desempenhasse uma função social. (ELIAS, 1993, p. 195)

Outro fator que contribuiu bastante para a padronização dos modos de agir foi o estabelecimento dos monopólios da força, pois em sociedades onde isto não ocorre, há menor estabelecimento de funções, sendo assim maior liberdade de atuação. O autor ainda afirma, que com o passar do tempo, o controle exercido pelo social desde os primeiros anos de idade, passa a ser introjetado tornando o indivíduo dotado de um ríspido autocontrole:

(...) o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investida de sentimentos de vergonha que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada. (ELIAS, 1993, p. 193)

O processo de construção dos espaços públicos das grandes cidades foi marcado por uma lógica de grandes produções que não prezam pela originalidade e também não priorizam a apropriação pelos seus cidadãos, de acordo com Serpa (2014):

A dissociação, mais ou menos artificial, entre aquilo que chamamos 'arquitetura' e o que chamamos de 'urbanismo', isto é, entre o 'micro' e o 'macro', não contribuiu para o incremento da diversidade na morfologia urbana. Ao contrário, o repetitivo substituiu a unicidade, o factual e o sofisticado prevaleceram sobre o espontâneo e o natural, o produto sobre a produção. Esses espaços repetitivos resultam de gestos e atitudes também repetitivos, transformando os espaços urbanos em produtos homogêneos, que podem ser vendidos ou comprados. Não há nenhuma diferença entre eles, a não ser a

quantidade de dinheiro neles empregada. Reina repetição e quantificação.(SERPA, 2014, p.19)

Ele prossegue afirmando que a periferia fica mais refém ainda das consequências do cerceamento dos espaços urbanos:

A privatização de ruas e acessos restringe o movimento de passantes, canaliza percursos e provoca a desertificação de muitas áreas públicas nas periferias urbanas. Com o confinamento dos moradores nos prédios dos conjuntos habitacionais populares (onde eles existem), agrava-se a questão das drogas e aumenta a violência urbana; decreta-se a morte dos espaços públicos. Nas ruas das áreas centrais, os pedestres cedem seu lugar nas calçadas aos automóveis e camelôs. (SERPA, 2014, p.20)

Também é de vital importância, para esta discussão, o trabalho de Richard Sennett. Em sua obra *O declínio do homem público* ele narra os processos históricos que culminaram em nossa concepção atual de sociedade em que se passou a valorizar a intimidade em detrimento da vida pública. Neste fragmento, ele aborda a questão da transformação na forma de agir no espaço público:

Nessa sociedade a caminho de se tornar íntima no qual a personalidade era expressa para além do controle da vontade, o privado se sobrepunha ao público, a defesa contra a leitura pelos outros era a retenção do sentimento – o comportamento em público foi alterado em seus termos fundamentais. O silêncio em público se tornou o único modo pela qual se poderia experimentar a vida pública, especialmente a vida nas ruas, sem se sentir esmagado. Em meados do século XIX, cresceu em Paris e Londres, e depois em outras capitais ocidentais, um padrão de comportamento diverso daquele conhecido em Londres e Paris um século antes, ou que é atualmente conhecido na maior parte do mundo não-ocidental. Cresceu a noção de que estranhos não tinham de se falar, de que todo homem possuía como um direito público um escudo invisível, um direito de ser deixado em paz. O comportamento público era um problema de observação e de participação passiva, um certo tipo de voyeurismo. Balzac chamava-o “gastronomia dos olhos”, a pessoa está aberta para tudo e nada rejeita a priori de sua esfera de ação, contanto que não tenha de ser tornar um participante ou envolver-se numa cena. Esse muro invisível de silêncio, enquanto um direito, significava que o conhecimento, em público era questão de observação das cenas, dos outros homens, dos locais. O conhecimento não seria produzido pelo trato social. (SENNETT, 2005, p. 581)

Para ampliar a discussão a respeito da condição do cidadão urbano, retomaremos um dos fundadores da Sociologia, George Simmel, que apesar do longo tempo de publicação, seu escrito sobre o indivíduo urbano ainda se encontra bastante atual. Em seu texto intitulado *As grandes cidades e a vida do espírito* ele trabalha a ideia de que o indivíduo da cidade grande recebe no seu cotidiano uma quantidade enorme de estímulos e impressões e produz uma

forma de se proteger de tanta variação no seu campo de percepção, ele tem uma vida diferente de um cidadão de uma cidade rural, que tem uma vida mais lenta e habitual e menos variações. Sobre essa proteção ele diz:

Assim, o tipo do habitante da cidade grande – que naturalmente é volto em milhares de modificações individuais – cria um órgão protetor contra o desenraizamento com o qual as correntes e discrepâncias de seu meio exterior o ameaçam: ele reage não com o ânimo, mas sobretudo com o entendimento, para o que a intensificação da consciência, criada pela mesma causa, propicia a prerrogativa anímica. Com isso, a reação àqueles fenômenos é deslocada para o órgão psíquico menos sensível, que está o mais distante possível das profundezas da personalidade. Essa atuação do entendimento, reconhecida portanto como um preservativo da vida subjetiva frente às coações da cidade grande, ramifica-se em e com múltiplos fenômenos singulares (SIMMEL, 2005, p. 578)

Simmel prossegue a sua tese discorrendo sobre o caráter blasé da vida emocional do cidadão urbano, ele atribui tal condição a uma hiper-estimulação dos nervos sensoriais que acabam por diminuir e dessensibilizar os indivíduos da cidade.

## CAPÍTULO V - EVENTOS ARTICULADOS PELA INTERNET

### 5.1 *Flash mobs*

#### 5.1.1 Surgimento e conceito

É no contexto das grandes urbanizações, em que a presença da tecnologia se torna mais evidente, surge uma nova forma de organização social: os *flash mobs*. Segundo Clay Shirky (2012), um dos estudiosos sobre a influência da tecnologia no contemporâneo, em seu livro: *Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações*, aborda as diversas formas em que a tecnologia tem ajudado a mobilizar as potências humanas, o autor apresenta uma breve descrição do surgimento dos *flash mobs*:

A forma foi inventada por Bill Wasik, um editor chefe das revista *Harper's* como uma espécie de performance, de rua, e também como um comentário irônico ao conformismo da cultura dos moderninhos. Trabalhando anonimamente como 'Bill de New York', Wasik enviava e-mails para um grupo de pessoas com instruções sobre onde e quando todos deveriam se reunir e descrevendo o que fariam quando estivessem lá. Flash mobs posteriores levaram dezenas de pessoas a se empoleirar em uma plataforma de pedra no Central Park e imitar ruídos de aves, a fazer uma 'caminhada de zombies' em São Francisco e a encenar um baile silencioso na estação Victoria, em Londres. Essas aglomerações tinham um pouco de espírito de palhaçada – uma maneira inofensiva de divertir-se, mas que atrai atenção. (SHIRKY, 2012, p.141)

Os *flash mobs* tiveram uma repercussão muito grande na internet nos últimos anos. São organizados convocando participantes através de diversas formas de comunicação como: redes sociais; e-mails; mensagens de texto de celular (torpedos) ou sites da rede mundial de computadores. As ações realizadas por seus participantes são as mais diversas como, por exemplo: danças sincronizadas; guerras de travesseiros; fingir-se de estátua; sair pela rua somente com as roupas íntimas e outras.

O criador do *flash mob*, Bill Wasik, relata como se deu a criação e as primeiras edições que organizou em um artigo de sua autoria publicado na revista Harper's com o título: *Minha Multidão: ou Fase 5: Um relato do inventor do flash mob*(2006, T.N.)<sup>10</sup>. Segundo sua narrativa o chamado por ele de MOB #1 não chegou a ocorrer apesar de sua organização na qual ele enviou um e-mail, de uma nova conta, no qual se identificava apenas como Bill para

---

<sup>10</sup> "My Crowd: Or, Phase 5: A report from the inventor of the flash mob"

alguns amigos e conhecidos, convocando para participar de um projeto que juntaria um aglomerado de pessoas por dez minutos ou menos e pedia para chamar outras pessoas que gostariam de participar. A convocação era para se encontrar numa loja de acessórios femininos e se dispersar sete minutos após, mas a polícia havia sido comunicada sobre o futuro incidente e impediu o acontecimento. Numa nova tentativa que ele enumera como MOB #2 realmente o encontro chegou as vias de fato. No dia 17 de junho de 2003, um grupo formado por cerca de 100 pessoas convocadas pela internet e por colegas entrou numa loja de departamentos foi a um determinado tapete, disse ao vendedor que aquele seria o “tapete do amor” e que moravam juntos e decidiam as coisas coletivamente, e que por isso estavam todos ali. Depois de fazerem algumas perguntas ao vendedor e discutirem um pouco entre si o grupo de pessoas se dispersou rapidamente. Já o MOB #3 foi realizado no saguão de entrada do hotel Grand Hyatt, o grupo permaneceu no andar térreo até a hora combinada de subir para o mezanino, na qual eles subiram através de escada e elevadores e permaneceram se olhando e olhando para o saguão seguido de alguns instantes de aplausos e depois se retiraram juntos. Em uma outra edição que ele denomina MOB #6 foi realizada na loja de brinquedos Toys "R" Us em que dessa vez o público se abaixou fingindo medo na frente de uma réplica em tamanho real de um tiranossauro-rex. No MOB #7 os participantes foram instruídos a formar uma fila repentinamente em uma porta que não tinha utilidade na catedral de St. Patrick's e depois se esvaíram. Uma das motivações do criador dos *flash mobs* era de escancarar o comportamento da cultura *hipster*<sup>11</sup> que busca sempre estar por dentro da última moda.

Por existirem formas tão variadas, torna difícil uma definição exata desses eventos, mas algumas características podem ser identificadas: organização através da internet, pessoas desconhecidas realizam uma ação conjunta e depois dispersam subitamente, geralmente um ato para impressionar ou brincar com as pessoas a sua volta que não estão participando do evento. E geralmente são filmados e colocados em plataformas de compartilhamento de vídeos como o Youtube, espalhando, assim, o acontecimento sendo visto por pessoas de todos os cantos do planeta.

Por produzir uma ruptura na forma de agir vigente dos espaços públicos, reafirmamos que é importante compreender mais um pouco sobre as motivações humanas presentes nos *flash mobs*. É bastante intrigante, entender no contexto do século XXI, porque será que um

---

<sup>11</sup> Os indivíduos denominados como “*hipsters*” se caracterizam por se distanciarem da cultura dominante da época, mas acabam seguindo uma tendência e moda alternativa.

número cada vez maior de pessoas, se disponibiliza tomar parte de seu tempo numa ação que não tem um fim lucrativo, em sociedades profundamente capitalistas, e nem um sentido de utilidade para a mesma sociedade, assim como nenhuma finalidade política diferente das manifestações de junho de 2013, no Brasil.

#### **4.1.2 Revisão bibliográfica**

Em um levantamento realizado para a presente dissertação nos mecanismos de busca da internet e em alguns dos bancos de teses e dissertações nacionais, foram encontradas cinco dissertações que abordam sobre flash mobs: Lopes (2006), Souza (2010) Trindade (2012), Lisboa (2013) e Martins (2013). Na dissertação de Lopes situada na área da Comunicação Social, ela aborda como os novos dispositivos de informação proporcionam uma nova organização nas relações interpessoais, inicia-se narrando o processo de evolução dos meios de comunicação, em seguida para compreender a dinâmica interacional da internet explora o conceito de comunidade virtual, discorre sobre as novas sociabilidades e a questão da identidade na era digital e finaliza seu trabalho tecendo sobre as novas geografias de um espaço urbano em que a tecnologia se encontra cada vez mais interligada com a cidade, e os *flash mobs* sendo um reflexo deste contexto. O trabalho de Souza, também na área de Comunicação Social, foca seu trabalho nos *flash mobs* organizados pelo grupo chamado Improv Everywhere. Traça um cenário do contexto onde acontecem os *flash mobs*, que são os espaços urbanos mediados pelos mecanismos de comunicação. Explora as ferramentas da internet e os espaços onde o grupo realiza suas intervenções urbanas e finaliza narrando e debatendo uma das modalidades de eventos produzidas pelo mesmo coletivo que é o MP3 Experiment. Nesta ação, os participantes fazem o download de um arquivo de áudio com a extensão MP3 e se encontram num determinado local em que todos devem iniciar a execução do arquivo em seus leitores de MP3 ao mesmo tempo. O arquivo, por sua vez, consiste em instruções de tarefas que eles devem fazer, produzindo uma multidão dançando, se cumprimentando, apontando para o alto de forma sincronizada. Trindade, já realiza sua dissertação na área de Memória Social e Bens Culturais delimita sua pesquisa ao chamado *flash mob dance* que segundo a autora pode ser definido como “a aglomeração de pessoas que se encontram em local público para realizar uma coreografia previamente combinada em redes sociais” (2012, p. 54) uma ação mais específica dos *flash mobs*. Para o aprofundamento do fenômeno, a autora buscou aporte teórico das intervenções urbanas nos espaços públicos

no campo da arte e da dança anteriores aos flash mobs, passando pela tecnologia nas intervenções urbanas. Faz uma reflexão sobre a memória virtual e oral das artes, narra algumas intervenções artísticas urbanas ocorridas em Porto Alegre-RS e trabalha também como se dá a relação com o público e repercussão do trabalho. O estudo de Lisboa, realizado num programa de pós-graduação em Letras, inicia estabelecendo a influência da internet em produzir novas maneiras de se relacionar e debruça sobre o estudo dos gêneros discursivos apresentados pelos *flash mobs*. A dissertação de Martins é mais uma da área do saber da Comunicação Social a qual apresenta algumas modalidades de *flash mobs*, e articula com questões pertinentes à cidade contemporânea e à cibercultura.

Foram encontrados artigos em periódicos nacionais e internacionais que abordam os *flash mobs*. Dentre os trabalhos que merecem destaque podemos citar Grant e Boon (2013) em que estudam a reação do público com os *flash mobs* organizados por empresas com fins de divulgação de suas marcas. Os autores realizaram grupos focais para compreender a percepção dos consumidores sobre essa utilização para fins de marketing, e através das opiniões apresentadas pelos participantes os pesquisadores inferem que vídeos, sobre essa variante, tendem a não ser muito compartilhados, porque não são muitos originais, criativos e não passam a ao espectador uma emoção positiva e contagiante, características que são elencadas por eles como fundamentais para motivar o compartilhamento. O texto de Sánchez (2005) situa o movimento dos *flash mobs* numa posição entre a arte da performance e o dadaísmo, pois alguns desses não têm um roteiro fixo dando liberdade a improvisação dos participantes. Também os caracteriza como elementos parecidos do movimento de contracultura, pois o grupo marca sua diferença do público espectador realizando um ato de rebelião efêmero. Oliveira (2010) compreende os fenômenos comunicacionais da contemporaneidade, como as redes sociais e os *flash mobs* enquanto eventos rituais, segundo a autora:

A comunicação realizada no contexto das redes sociais on-line, dos smart/flash mobs e os social media, fornece ao sujeito uma linguagem, na qual pode exprimir estados não-formulados, exercendo um efeito de catarse, de reorganização do seu estado psicofisiológico de relacionamento. Este ritual de partilha encenada tem uma eficácia ecossistêmica identitária que vincula o sujeito a uma espaço-tempo-linguagem. (p. 189)

Sendo o caso dos *flash mobs* um ritual extremamente roteirizado pelas instruções designadas aos participantes. Lucas (2005) em seu artigo atribui aos *flash mobs* tipo de resistência que valoriza a coesão social contra a tendência indicada por certos autores de que a era tecnológica culminaria numa perda de sentido e utilidade para a sociedade. Considera que a motivação dos participantes é a vontade de estar junto num espaço físico da cidade, e sua grande interferência ocorre por quebrar o tempo hiperacelerado da cidade como a autora diz:

Os Flash Mobs também são um exemplo de resistência à celeridade “hiper-nano” do ciberespaço. As relações sociais extrapolam o espaço imaterial, reforçando o sentimento de “estar junto” em outro tempo. O movimento, por um instante, pára o ritmo frenético da cidade, realizando uma quebra no tempo produtivo e seqüencial da cidade moderna (p. 150)

### 5.1.3 O arquétipo do trickster e o cotidiano

Buscamos focar as interpretações em torno da fase inicial dos *flash mobs*, porque eram organizados por pessoas comuns, as quais não tinham a intenção de obter algum ganho ou retorno com a produção, e que os participantes também não recebiam nenhum tipo de benefício, juntando-se ao movimento pelo espírito de brincadeira, para estar interagindo com um grupo, por ser uma novidade e para ver a reação do público nas ruas. Diversos tipos de flash mobs foram realizados com essa lógica por pessoas que queriam ver eventos acontecer, entretanto, algumas empresas e instituições enxergaram nele a possibilidade de utilização como estratégia de publicidade e até para ganhos financeiros. Existem empresas que organizam flash mobs e ele foi muito utilizado como estratégia de marketing viral.

Evoca-se para a compreensão dos *flash mobs* a figura do *trickster* que é estudada por Jung em sua obra no volume 9/1 *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* sendo considerados por muitos autores da psicologia analítica como um arquétipo. Trata-se de uma figura mitológica presente em diversas culturas e diferentes formas, como, por exemplo, o palhaço, o bobo da corte, o xamã e outros tipos.

Segundo SAMUELS; PLANT e BONI (1988) a imagem do *trickster* está associada com o movimento de enantiodromia anteriormente trabalhado no capítulo 1. Eles afirmam que o *trickster* pode ser associado a uma experiência psíquica interior e apesar de sua característica errante, suas atitudes refletem um relacionamento compensatório com a consciência.

De acordo com Jung, a simbologia da figura do *trickster* pode apresentar também um caráter benéfico:

seria compreensível a razão pela qual o mito do ‘trickster’ se manteve e desenvolveu: a exemplo de tantos mitos possuiria talvez um efeito psicoterapêutico. Ele mantém diante dos olhos do indivíduo altamente desenvolvido o baixo nível intelectual e moral precedente, a fim de que não nos esqueçamos de ontem. Supomos que algo incompreensível seja incapaz de ter um efeito positivo sobre nós. Não é sempre o que acontece. O ser humano raramente compreende apenas com a cabeça, e menos ainda se for um primitivo. (OC. IX, § 480)

Ainda segundo Jung: “o ‘trickster’ é a *figura da sombra coletiva*, uma soma de todos os traços de caráter inferior” (OC. IX, § 484), ele prossegue afirmando que por mais que a sombra<sup>12</sup> geralmente apresenta um aspecto negativo em alguns casos ela pode remeter à algo positivo:

a sombra, embora seja uma figura negativa *per definitionem*, deixa muitas vezes traços ou associações positivas, os quais apontam para um cenário de outro tipo. É como se ela escondesse conteúdos significativos sob um invólucro inferior. (JUNG, OC. IX, § 485)

Retomando a visão da psicologia analítica, na qual a psique é dotada de um sistema de autorregulação, lembramos que os povos também têm atitudes unilaterais que têm a necessidade de serem compensadas, como Jung afirma: “Assim como no indivíduo a unilateralidade de sua atitude consciente é corrigida por reações inconscientes, assim a arte representa um processo de autorregulação espiritual na vida das épocas e das nações” (OC. XV, § 131) podemos pensar, neste sentido, o fenômeno dos *flash mobs* como um certo movimento de compensação para toda a lógica e racionalidade que vigora na sociedade contemporânea e não proporciona um espaço para brincadeiras na seriedade do dia-a-dia. Por isso sua força e mobilizar os participantes que tem essa necessidade e querem ver uma quebra no trânsito automatizado dos transeuntes dos grandes centros urbanos, e também contagia aqueles que observam ao vivo e através de vídeos.

---

<sup>12</sup> O conceito de sombra para a psicologia analítica representa: “o outro lado da personalidade e, por isso, daquela parte obscura da psique, enquanto tal inferior e indiferenciada” (PIERI, 2002, p. 474)

## **5.2 Protestos brasileiros de junho de 2013:**

### **5.2.1 Relato dos acontecimentos**

Com base nos escritos de Gohn (2014) e Locatelli (2014) e nos documentários *Junho – O Mês que Abalou o Brasil* (2014) e *Rio em chamas* (2014) é possível apresentar uma versão resumida das manifestações populares ocorridas no mês de junho de 2013 no Brasil. O ano de 2013 foi marcado por uma série de protestos realizados em diversas cidades do país. O estopim deste grande movimento foi o aumento na tarifa de transportes públicos em diversas cidades. Os eventos ocorreram por todo o país e com uma maior expressividade nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Belo Horizonte. Uma das causas para que o movimento ganhasse ainda mais força foi o excesso de violência das forças policiais em repressão as manifestações.

O Movimento Passe Livre (MPL) foi o organizador das primeiras manifestações após o anúncio do aumento das tarifas. Segundo a definição no website do próprio movimento, este se define como: “um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada.” (MPL, 2015). Eles também citam eventos passados que atuaram e foram importantes na criação deste movimento: a Revolta do Buzu que ocorreu na cidade de Salvador em 2003 e as Revoltas da Catraca de Florianópolis nos anos de 2004 e 2005.

Após o aumento da passagem ser anunciado no dia 2 de junho de 2013, o MPL articulou o primeiro ato de protesto para o dia 6 de junho em São Paulo, teve a presença de 5 mil manifestantes, e passou por áreas centrais da cidade. O movimento nesse primeiro dia apresentou uma faixa com os dizeres “se a tarifa não baixar a cidade vai parar”. A avenida 23 de Maio foi bloqueada pelos participantes e catracas de madeira e papelão foram queimadas simbolizando o fim das cobranças da tarifa. No final da passeata houve confronto de manifestantes com a polícia e também depredações deixando pessoas feridas e detidas, esta manifestação assim como as primeiras tinha a reivindicação básica da redução da tarifa dos transportes públicos.

O 2º ato de São Paulo foi no dia 7 de junho, em que os manifestantes passaram pela Avenida Paulista, Rebouças e Faria Lima. Já a 3º manifestação de São Paulo foi no dia 11 de junho marcada na Avenida Paulista, segundo Gohn (2014) o evento contou com:

(...) cerca de 5.000 participantes (segundo a PM) e houve violência, 19 pessoas foram detidas, inclusive jornalistas, cerca de 100 pessoas foram feridas

(manifestantes, jornalistas e policiais), 87 ônibus foram queimados ou apedrejados, vitrines quebradas, bancos depredados e estações do metrô danificadas (pp. 26-27)

O 4º ato em São Paulo já foi maior do que os eventos anteriores contando com cerca de 20 mil manifestantes, esse ato foi diferenciado segundo Gohn foi a violência policial nesse ato que mudou a visão da opinião pública das manifestações passando a apoiar o movimento. E o resultado disso foi que o quinto protesto realizado no dia 17 de junho, as manifestações cresceram ainda mais com protesto em 12 capitais, no Rio de Janeiro o protesto pela rua Rio Branco teve a participação de 100 mil pessoas, em Brasília os manifestantes subiram no teto do Congresso Nacional, em São Paulo a multidão tentou invadir o Palácio do Governo Estadual mas não conseguiu. No dia 18 de junho aconteceu o 6º evento em São Paulo na praça da Sé e teve 50 mil participantes, Gohn conta que:

O protesto começou tranquilo e terminou com o retorno da Tropa de Choque e 47 prisões. Houve saques por populares e moradores nas ruas em lojas comerciais na áreas central (lojas Marisa, Americanas, McDonald's, na Telefonica Oi etc.), tentativas de arrombamento na sede da Prefeitura Municipal, bancos com vitrines quebradas, Teatro Municipal etc.(p.29)

No dia 20 de junho na 7ª edição de São Paulo o movimento atingiu seu ápice no âmbito nacional contando com manifestações em 75 cidades, e a cidade do Rio de Janeiro o evento se destacou com a presença de 300 mil manifestantes. No dia 21 de junho o MPL anunciou que está se retirando da organização das manifestações e que não convocaria mais eventos. Diversos governantes de várias cidades brasileiras acataram com a voz do povo e reduziram o aumento das tarifas apesar das resistências.

Gohn (2014) divide as manifestações de junho em três fases: a) desqualificação e descaso – em que a mídia enfatizou os atos de vandalismo ocorrido nos protestos como tentativa tirar a potência dos protestos “buscava-se descaracterizar as reivindicações e gerar dúvidas e apreensão no público receptor das imagens e relatos dos conflitos” (p. 22) b) violência, revolta popular e susto pelo movimento de massa – fase em que o movimento ganhou magnitude e expressou a força da população nas ruas vistas poucas vezes algo parecido na história brasileira e, c) a vitória na demanda inicial – uma vez que os prefeitos anunciaram que voltariam atrás com o aumento, a reivindicação primordial do movimento tinha conseguido seu objetivo.

Pelo papel desempenhado nos protestos, o MPL pode ser comparado como o que Canetti (1995) denomina de cristais de massa:

Grupos pequenos e rígidos de homens, muito bem delimitados e de grande durabilidade, os quais servem para desencadear as massas; é importante que esses grupos sejam avistáveis em seu conjunto, isto é, que se possa abarcá-los com os olhos em sua totalidade. Sua unidade importa mais do que seu tamanho (CANETTI, 1995, p.72)

Pois apesar de ser um movimento autônomo e horizontal, sua presença foi fundamental na organização dos eventos, e quando eles pararam de liderar a organização dos movimentos após a redução do preço das tarifas as manifestações se esvaíram.

Uma grande mudança que apareceu nas manifestações deste novo século foi que, com a popularização dos smartphones, filmadoras e a internet móvel, tornou-se possível ter uma visão do protesto mais crua da realidade sem os filtros e edições dos grandes canais de mídia. O repórter alternativo, equipado com mais de uma câmera, capacete e máscara de gás lacrimogênio, tem uma versatilidade maior do que o cinegrafista da velha mídia, que tem um cabo man ao lado e não pode se distanciar do veículo que faz a transmissão ao vivo. Isso fez emergir no Brasil outra vertente jornalística, grupos como o Mídia Ninja e o Jornal a Nova Democracia, tiveram forte expressão e popularização, pois uma grande parcela da população se identifica mais com a visão política destes do que com a visão dominante dita “neutra” das grandes corporações jornalísticas. Manuel Castells vem estudando os movimentos sociais do século XXI e narra o processo de mudança da comunicação e organização destes:

Nos últimos anos, a comunicação em ampla escala tem passado por profunda transformação tecnológica e organizacional, com a emergência do que denominei autocomunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet; e, mais ainda, nas redes de comunicação sem fio, atualmente a principal plataforma de comunicação em toda parte. Esse é o novo contexto, no cerne da sociedade em rede como nova estrutura social, em que os movimentos sociais do século XXI se constituem (CASTELLS, 2013, p. 158)

Nesse sentido a tecnologia possuiu um papel fundamental, não só na organização, mas também para repercutir os acontecimentos podendo ter acesso a diferentes visões sobre o mesmo fato, ao contrário de uma época em que só se podia ter acesso às informações através de uma mídia dominante. A tecnologia trouxe um novo momento dos acontecimentos pois permitiu trazer à tona aquilo que se não se via mas que sabia que existia pela observação das consequências: como a violência policial e as depredações pelo povo.

Alzamora, Arce e Utsch (2014) apresentam um relevante texto sobre o papel dos eventos do Facebook para os protestos. Segundo elas vale enfatizar que a internet teve seu papel em agenciar e aumentar a repercussão dos eventos conforme as autoras dizem a seguir:

Eventos do Facebook expandiam a durabilidade desses acontecimentos na medida que se antecipavam a eles, agenciando-os, e os faziam perdurar em conexões de mídias digitais. As ruas, por sua vez, lhes ampliavam os sentidos, interferindo no curso reticular dos acontecimentos agenciados pelos eventos do Facebook (ALZAMORA; ARCE; UTSCHE, 2014, p. 45)

Apesar de sua importância, não se pode reduzir os acontecimentos dos protestos a internet, pois suas motivações vêm da experiência vividas nos enlacs da vida cotidiana. E apesar da potencialidade das novas tecnologias, elas ainda não são o principal meio da população receber informação. Lima (2013) diz que apesar dos avanços das novas TICs, a grande mídia ainda tem um poder de influenciar os acontecimentos, nem que seja indiretamente. Apesar de uma tendência que indica uma mudança os veículos de mídias tradicionais ainda tem o papel mais forte na opinião pública. Lima (2013) fala da cobertura da grande mídia sobre os protestos:

A primeira reação foi de condenação pura e simples. As manifestações deveriam ser reprimidas com rigor maior ainda. À medida, no entanto, que o fenômeno se alastrou, a velha mídia alterou radicalmente sua avaliação inicial. Passou então a cobrir em tempo real os acontecimentos, como se fosse apenas uma observadora imparcial, que nada tivesse a ver com os fatos que desencadearam todo o processo. (p. 92)

### **5.2.2 Emoções adormecidas no gigante**

Dentre os cartazes apresentados pelos manifestantes pelo Brasil, um deles ganhou destaque e se tornou um dos bordões sobre o movimento: “O gigante acordou”. Esta frase diz respeito a uma súbita aparição nas ruas de uma multidão que resolveu reivindicar por diversas melhorias sociais. Entretanto, por um lado, podemos até considerá-la como uma falta de consideração com os diversos movimentos sociais brasileiros, os quais durante anos lutam pela melhoria dos serviços públicos e diversas áreas da inclusão social, porque na realidade muita coisa acontecia durante esse período de aparente marasmo.

Regressando ao estudo de Gustav Le Bon sobre as multidões, com relação à formação destas o autor também estudou o estabelecimento de suas crenças e opiniões. Ele diferencia dois tipos de fatores que determinam estes juízos. Há os fatores remotos:

(...) tornam as multidões susceptíveis de adotar certas convicções e inaptas a aceitar outras. Preparam o terreno em que se vêem de súbito germinar novas ideias, cuja força e cujos resultados surpreendem, mas cuja espontaneidade é apenas aparente. A explosão e a realização de certas ideias entre as multidões

apresentam, algumas vezes, uma instantaneidade fulminante. É isso apenas um efeito superficial cujo longo trabalho anterior cumpre geralmente pesquisar. (LE BON, 1938, p. 58)

Em que a raça, as tradições, o tempo, as instituições e a educação são exemplos destes, e existem os fatores imediatos:

(...) sobrepostos a esse longo trabalho, sem o qual não poderiam agir, provocam a persuasão ativa nas multidões, isto é, dão forma à ideia e a desencadeiam com todas as suas consequências. Sob o impulso destes fatores imediatos, surgem as resoluções que sublevam subitamente as coletividades; por meio delas rebenta um motim ou decide-se uma parede; por eles, enormes majorias levam um homem ao poder ou derrubam um governo. (LE BON, 1938, p. 58.)

Nesse sentido, é válido tentar fazer um levantamento de alguns dos fatores remotos que possibilitaram a eclosão das manifestações, uma vez que sabemos que o fator imediato foi o aumento dos transportes, mas o movimento acabou abarcando diversas reivindicações que não estavam na pauta inicial das manifestações.

Voltando para um nível bem remoto, mas com força uma vez que marca nossa identidade, vale retomar um pouco da própria história do surgimento do Brasil. Gambini (2000) realiza uma releitura de um importante período da história brasileira através das Cartas dos Jesuítas do período de colonização brasileiro e desnaturaliza alguns pontos de vistas sobre o descobrimento do Brasil sobre o prisma dos povos nativos que aqui se encontravam. O autor propõe uma reflexão sobre temas, imagens e símbolos da história brasileira que precisam ser revisto, pois nossa concepção dos fatos ainda está muito impregnada da visão do colonizador, e tomar consciência de outra perspectiva pode ajudar a resgatar essa alma ancestral brasileira que para o autor se encontra dissociada do brasileiro contemporâneo. O primeiro tema é a questão do descobrimento, Gambini considera mais apropriado o termo “invasão” em seu lugar, pois a ideia de descobrimento nos induz a achar que somos resultados de um ato heroico de grandes desbravadores, mas os índios já viviam nas terras achadas a muito mais tempo. Ele categoriza o deslumbramento do europeu pela maravilha das terras brasileiras como um efeito da projeção do paraíso:

“a ideia de “paraíso”, que habitava a mente do europeu, exteriorizou-se na descrição das praias brasileiras, que, em decorrência de um fenômeno psicológico antigo quanto o próprio homem, passam a revestir-se das qualidades daquele ambiente sonhado e irreal descrito em Gênesis, como parte da mentalidade católica e do imaginário fantasioso da época, notadamente por seu forte apelo sensorial de cores e formas e por suas liberdades eróticas”(p.21)

E com essa visão apropriar-se do paraíso foi o movimento realizado pelos colonizadores “o desfalque e o ataque à natureza são nossos sinais de batismo, como o é também a posse da mulher índia pelo branco invasor” (GAMBINI, 2000, p. 22). Gambini estudou a correspondência dos jesuítas para compreender o processo de catequização que foi responsável pela destruição dessa identidade cultural indígena, diz o autor:

(...) não era suficiente que os índios adotassem certos comportamentos ou repetissem certas palavras, era preciso levá-los a renegar sua identidade de origem. Os jesuítas foram mestres nessa obra, sendo capazes de criar vergonha em corpos nus ou fazer povos profundamente religiosos admitirem que não acreditavam em nada (GAMBINI, 2000, p. 24)

O autor ressalta também o ponto de vista teológico da época sobre a alma dos indígenas a visão dominante era de que o indígena só adquiria a alma através do batismo, então neste processo de “descobrimento” e sua imposição da cultura ocidental, acarretou na destruição de nossa herança indígena. Os índios permaneceram em reservas indígenas cada vez mais ameaçadas pelo agronegócio e pela cobiça das terras para outros interesses, e apenas alguns poucos elementos da rica e antiga cultura foram incorporados pelo brasileiro como a rede, o cultivo da mandioca, alguns modelos de agricultura e outros. Isso fez com que se perdesse a sabedoria de povos antigos que poderiam ter agregado a nossa consciência coletiva, Gambini afirma: “o que nos foi negado – nossa alma ancestral – é a experiência humana acumulada no decorrer de milhares e milhares de anos, pelo meio da qual as questões fundamentais da humanidade foram sendo pouco a pouco resolvidas” (GAMBINI, 2000, p. 160)

Ainda conforme Gambini, a mitologia tupi-guarani profetizava a chegada pelo mar de um homem que traria o caminho para a terra sem mal. Então quando os portugueses chegaram foram recebidos pelos índios com uma projeção positiva. E os portugueses também tinham uma projeção dessas terras, mas como ponto de vista negativo para os índios: “A alma brasileira nasce, portanto, de uma projeção cruzada. A projeção portuguesa, como vimos, tinham dois aspectos: a percepção do litoral baiano como o Paraíso terrestre e a dos índios como filhos do Demônio e encarnação do mal” (p. 166) então nesse sentido, nosso

nascimento surge pelo processo de colonização, submissão e servidão ao povo europeu, a igreja teve um papel fundamental em corroborar com essa missão, diz Gambini:

Como vimos ao examinar as Cartas Jesuíticas, os missionários literalmente acreditavam ter encontrado essa porção divina e mágica do planeta. Com uma diferença apenas: como pecadores natos por desconhecerem a verdade da Revelação, esse Adão índio será captado, pelo olhar português projetivo, como um trabalhador braçal à espera de feitores e essa Eva nativa, como um objeto gratuito de desejo. Adão corta o pau-brasil e Eva, por via de estupro, sedução ou mesmo entrega voluntária, é apropriada como mulher” (GAMBINI, 2000, p. 166)

Então, o surgimento do Brasil é marcado por uma grande exploração (no sentido de apropriação), que perdurou por muitos anos até nossa independência e outras formas de subtração por outras nações continuam até os dias de hoje, e fazem com que essa atitude “ser explorado” seja um ponto emocional do brasileiro que podemos considerar com um “complexo cultural” que esta arraigada no nosso inconsciente aguardando para reagir.

Uma outra emoção presente em muitos brasileiros é a insatisfação com os transportes públicos urbanos. Podemos considerar este sentimento como um fator imediato das manifestações, uma das grandes causas dessas dificuldades de locomoção vivenciada nas grandes cidades está ligado com a história dos transportes brasileiro, em que houve uma prioridade de investimento no sistema rodoviário. As linhas férreas de passageiros foram diminuídas e o incentivo ao modelo rodoviário foi a alternativa escolhidas pelos governantes para acelerar o crescimento econômico. Apesar de ter a vantagem possuir menor custo de infraestrutura e manutenção comparado com outros meios, ele gera o efeito colateral do trânsito, e por mais que esteja aumentando o investimento em outras modalidades de transporte, as rodovias ainda são o principal meio:

No caso paulista, assim como em boa parte do território brasileiro, desde os anos 50 do século XX, optou-se pelo sistema rodoviário para a articulação dos espaços produtivos. Mesmo com a existência de vias férreas e, mais tarde, na metrópole paulista, do sistema metroviário, ainda hoje são as ruas, avenidas e os anéis viários a base da circulação de mercadorias e pessoas. (ALVES, 2014, p.110)

A prioridade ao sistema rodoviário trouxe consequências sentidas pelos moradores dos grandes centros urbanos, em especial nos casos das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, o IBEU (Índice de Bem-estar Urbano) que avalia: “a dimensão urbana do bem-estar usufruído pelos cidadãos brasileiros promovido pelo mercado, via o consumo mercantil, e pelos serviços

sociais prestados pelo Estado” (RIBEIRO; RIBEIRO, 2013, p.7) no quesito Mobilidade teve péssimos indicadores nessas metrópoles: “os resultados de São Paulo e Rio de Janeiro, mais uma vez, destoam dos demais, onde o IBEU-Mobilidade é bem inferior ao IBEU-geral. Em São Paulo, o IBEU-Mobilidade é 17 vezes menor do que a média, na região metropolitana do Rio é 37 vezes.” (RIBEIRO; RIBEIRO, 2013, p. 42). Sendo uma consequência de uma política de incentivo ao transporte individual, que é uma realidade diária para apenas parte da população e que as grandes cidades já não suportam a demanda.

Segundo Iasi (2013), as cidades são mais do que a organização do espaço, são a expressão das relações sociais do modo de produção capitalista. E fica possível identificá-las através das desigualdades, a ordem e a explosão proporcionadas por esta lógica capitalista. Ele elenca alguma dessas consequências sentidas pelos que vivem pela cidade: “Bairros e pessoas pobres, assaltos, lixo, doenças, engarrafamentos, drogas, violência, explosão, mercado de coisas e de corpos transformados em coisas. As contradições surgem como grafites que insistem em pintar de cores e beleza a cidade cinza e feia” (2013, p. 41).

O sociólogo Francisco de Oliveira analisa os protestos brasileiros de junho de 2013 durante o calor dos acontecimentos e também posteriormente em algumas entrevistas, em uma delas especificamente para a Folha de São Paulo, cerca de cinco meses após os acontecimentos, ele ressalta que um dos pontos positivos dos protestos foi de ter assustado os donos do poder, e quando indagado sobre a atitude pacata dos brasileiros e por que destas características Francisco apresenta uma conjuntura desse comportamento mais pacato:

É um complexo de fatores, não é fácil definir. Quem fala sobre isso geralmente aponta as raízes escravistas. Uma sociedade que não faz muito tempo, faz 100 anos, libertou-se do escravismo. Isso deu lugar a uma sociedade que apanha, mas não reage. Quem melhor estudou isso foi Gilberto Freyre. Ele estudou isso, do ponto de vista saudosista, mas é quem mais foi fundo nessa espécie de conformismo na sociedade. Embora a interpretação de Sérgio Buarque [de Holanda] também seja boa, a sociedade que se conforma. Para ele, é o homem cordial. Gilberto tem outro, ele vai para a cultura. Cultura não no sentido de quem carrega livro, mas na forma pela qual a sociedade se construiu e se reconhece nela. É basicamente a ideia da casa grande. A casa grande é uma formação conformista. Tem uma violência que explode a cada momento. E tem um senhor de escravo que é compadre de escravo. É uma formação muito complexa. Muito interessante para um sociólogo estudar, mas muito pesada para quem sofre os efeitos dessa cultura brasileira. Que não é a portuguesa exatamente, não é a indígena. É um mix de várias fontes. Não tivemos nenhuma grande revolução violenta. A que o Brasil comemora sempre, que é a de 1930, não teve nada de especialmente violenta. Teve os gaúchos saindo do sul, [Getulio] Vargas a frente. Na verdade enfrentaram uns paulistas aí, mas terminou tudo em pizza (risos). Isso marca muito a sociedade brasileira. Esse

conformismo que só explode em violência privada, o sujeito que morre de facada. Você liga a televisão e vê: todo dia tem uma tragédia dessa. (FOLHA, 2013)

Os brasileiros têm um passado carregado de histórias de grandes traumas emocionais. O próprio processo de colonização foi marcado por danos a cultura indígena e exploração dos recursos naturais. A raça negra, etnia forte na nossa identidade enquanto nação foi escravizada por mais de quase 400 anos em nosso próprio território. Assistimos a infindáveis casos de corrupção na política, enquanto os trabalhadores se sujeitam a árduas jornadas de trabalho para manterem padrões fracos de moradia e qualidade de vida, tendo que utilizar transporte e serviços públicos em geral de péssimo nível. Durante a ditadura militar, muitos de nossos intelectuais e estudantes foram torturados e mortos pelo governo. Nosso maior bem natural, a Amazônia, considerada a maior reserva natural do planeta, vem sendo devastada aos poucos a cada ano. Todo esse passado é pouco lembrado e se expressa muito sutilmente com piadas sobre portugueses e políticos. A crise de representação política é também apontada como uma das forças que moveram esses movimentos. Apesar da magnitude dos protestos de Junho de 2013 se tivermos alguma manifestação que ative a indignação de todo esse passado, é possível pensar num movimento maior ainda.

Retomando também o conceito de complexos culturais de Kimbles e Singers, pode ser de grande valia para a compreensão dos acontecimentos de junho, eles falam do potencial adormecido dos complexos culturais: “Esta luta por uma nova identidade de grupo pode ficar toda misturada com potentes complexos culturais subjacentes que acumularam experiência histórica e memórias ao longo de séculos de trauma, e se mantêm adormecidos no inconsciente cultural, esperando serem despertados pelo gatilho de um novo trauma. (2004, p.5 T.N.)<sup>13</sup>. Então nesse sentido, quando o aumento da passagem foi anunciado, ativou todo o emocional do povo em ser mal tratado pelos seus governantes. É lógico que a educação, a saúde e a segurança estavam, todas, “simbolizadas” no histórico valor obscuro de vinte centavos.

---

<sup>13</sup> “This struggle for a new, group identity can get all mixed up with underlying potent cultural complexes have accrued historical experience and memory over centuries of trauma and lie slumbering in the cultural unconscious, waiting to be awakened by the trigger of new trauma”

### 5.2.3 A participação política

Para Borges (2014), o mal-estar com a democracia é uma realidade em todo mundo democrático, se expressando através da insatisfação com as repostas e o sentimento de falta de representação política. As principais pautas das reclamações apresentadas se repetem em muitas nações e são: os altos custos de vida, a precariedade dos serviços públicos, a influência do dinheiro na política e a corrupção. Para o autor, a maioria dos brasileiros acredita que a democracia funciona no piloto automático bastando votar, esperar resultados e reclamar dos políticos quando necessário. Ele reitera a importância de lutar pela democracia retomando o pensamento de Alexis de Tocqueville que no século XIX falava que a liberdade na democracia precisa ser exercitada para que não atrofie (BORGES, 2014).

Outro aspecto que devemos pensar é que o brasileiro tem muito pouco interesse e uma participação política muito branda comparada a outras nações. Ideias do tipo “política não se discute” ou “os politizados são chatos” fazem parte do imaginário nacional. Entretanto a não atuação do povo é uma forma de se relacionar com a matéria e gera consequências como, por exemplo, a estagnação ou lentidão na melhoria dos serviços públicos. Segundo Lima (2013) os grandes meios de mídia foram bastante responsáveis pelo desinteresse na política em que vivemos:

(...) pelo menos desde que a televisão se transformou em ‘mídia de massa’ hegemônica, a cultura política que vem sendo construída e consolidada no Brasil tem sido a de permanentemente desqualificar não só a política como si como os seus atores. E é no contexto dessa cultura política que as gerações pós-ditadura foram formadas, mesmo não sendo usuários diretos da velha mídia. (p.90)

De acordo com o conceito de autorregulação da psicologia analítica, podemos analisar o movimento ocorrido por um movimento de enantiodromia explicitado anteriormente, pois houve uma reversão de um extremo ao outro no quesito da participação política. A participação e o interesse pela política que estavam adormecidos passam para o extremo oposto em que os protestos são televisionados no horário nobre da TV e vemos milhares de pessoas na rua clamando por diversas melhorias para a sociedade. Em pesquisas citadas por Gohn (2014) podemos obter dados que indicam essa mudança na participação: uma do IBOPE sobre o perfil dos manifestantes foi constatado que para 46% dos entrevistados era a primeira vez que participavam de um protesto, a autora também cita uma pesquisa realizada

pelo jornal *O Estado de São Paulo* em novembro de 2013 com jovens que tinham ido a rua em junho e indicou que para 75% tinha sido também a primeira vez.

Essa falta de participação política não se restringe apenas ao cenário brasileiro, pois parece uma certa tendência dos tempos atuais. Tratando-se de uma consequência do modo de vida que produzimos. Retomando Sloterdijk (2002):

A massa não reunida e não reunível na sociedade pós moderna não possui mais, por essa razão, um sentimento de corpo e espaço próprios; ela não se vê mais confluir e agir, não sente mais sua natureza pulsante; não produz mais um grito conjunto. Distancia-se cada vez mais da possibilidade de passar de suas rotinas práticas e indolentes para um aguçamento revolucionário (p. 21)

Resumindo esta ideia o autor diz: “massas que não se reúnem mais efetivamente tendem com o tempo a perder a consciência de sua potência política” (SLOTERDIJK, 2002, p. 22).

Os avanços tecnológicos das últimas décadas podem sem dúvida ajudar na produção de novas formas de ação cívica e participação política, não pretendendo é claro, afirmar uma utopia de endeusar a tecnologia, estando atentos de que:

A tentativa de ‘salvar’ a esfera pública por intermédio da Internet pode ser comparada à esperança depositada anos atrás no vapor, na eletricidade e na televisão, considerados, cada um ao seu tempo, niveladores sociais, que supostamente permitiriam ao cidadão comum controlar as forças do controle centralizador. (BARBOSA; CANESSO, 2004, p. 188)

Sem cair nesse determinismo tecnológico, podemos retomar o conceito de cibercidade trabalho anteriormente, de acordo com Lemos (2004) esses avanços tecnológicos podem ajudar nessa questão da participação política, o autor explora as potencialidades destas tecnologias com a ideia de inteligência coletiva que Pierre Levy apresenta, em que trata da evolução nos capitais sociais, intelectuais, culturais e técnicos. Lemos apresenta o capital social como: “à densidade e à qualidade das associações e redes relacionais” (Lemos, 2004, p.23) e a tecnologia permite uma maior facilidade das relações se o acesso for dado de forma democratizada.

Barbosa e Canesso (2004) também apresentam possibilidades desta facilitação da participação política graças a tecnologia, elas apresentam alguns exemplos que já são realidade de comunidades em redes: e cidades digitais. Uma das vantagens destacadas por estas possibilidades é de que “permitiu a participação de diversas camadas da população, sem

as distinções de classe, entre outras, que na instância territorial costumam inibir o acesso a determinadas pessoas” (p. 179).

Cabe também retomar Le Bon (1938) sobre a percepção das multidões com o intuito de trazer à tona alguns aspectos da falta de percepções das multidões:

Deverá um legislador que quiser, por exemplo, estabelecer um novo imposto, escolher o que fôr teoricamente mais justo? Não. O mais injusto poderá ser praticamente o melhor para as multidões, si êle fôr o menos visível e; na aparência, o menos pesado. Assim, um imposto indireto, mesmo exorbitante, será sempre aceito pela multidão. Sendo diariamente aplicado a objetos de consumo, por frações de cêntimo, não incomoda os homens e pouco os impressiona. Substituí-o por um imposto proporcional sobre os salários ou outras rendas, pagável de uma só vez, êle provocará unânimes protestos, mesmo que seja dez vezes menos pesado do que o outro. (LE BON, 1938, pp. XI-XII)

Não pretendemos com isso justificar o aumento ou menosprezar o ocorrido, mas apenas trazer mais um elemento a cena. Facilita, assim, a reflexão sobre os governos que forneceram diversos subsídios às empresas de ônibus como no caso do Estado do Rio de Janeiro com isenção de 50% do IPVA (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores) recursos que deixaram de ser arrecadados e que retornariam em benefícios para o povo. Ou como alguns casos de corrupção apresentados na mídia que geraram maiores prejuízos para a população do que o aumento da tarifa das passagens, mas não provocaram tanta revolta na população.

### **5.3. Rolezinhos**

#### **5.3.1 Apresentando o fenômeno**

Os chamados “rolezinhos” são encontros organizados pelas redes sociais geralmente em shoppings de grandes centros urbanos, na sua maioria por adolescentes da periferia e que vem causando grande polêmica, pois alguns destes eventos acarretaram em princípios de confusões que obrigaram alguns *shoppings* a fechar as suas portas ou restringir a entrada de pessoas. A motivação da maioria dos participantes destes encontros é a de ocupar o espaço dos *shoppings* para se encontrar e conhecer pessoas. Entretanto como qualquer aglomeração pública alguns indivíduos podem ter aproveitado para realizar furtos, pois alguns casos foram relatados, tendo gerado uma criminalização deste tipo movimento. Muitos realizam uma leitura política do evento uma vez que a maioria dos participantes é de camadas sociais mais

baixas, e que estas não possuem acesso à maioria dos bens de consumos desejados, assim ocupam os *shoppings*, que são considerados um símbolo do estilo de vida pautado no consumismo, justamente por não terem real acesso a eles.

Não é a primeira vez que se tem uma repercussão na grande mídia com relação à presença de pessoas da periferia em *shopping centers*. O documentário *Hiato* (2008) de Vladimir Seixas retrata, através de imagens do acontecimento e entrevistas com participantes, uma manifestação em que os sem-teto organizaram uma excursão a um *shopping* da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Mesmo não violando nenhuma lei eram seguidos pelos seguranças, a polícia os interrogou e quis impedir que eles progredissem num primeiro momento, mas graças à presença da mídia que cobria o evento não foram impossibilitados de entrar no *shopping*. Como pode ser observado nas imagens do documentário, eles simplesmente ocupam o espaço, fazem seu lanche de pão com mortadela na praça de alimentação, transitam pelas lojas experimentando roupas e vendo os preços, mas o fato de possuírem um baixo poder aquisitivo, o que indicava uma exclusão velada ao estabelecimento, tornou-se evidente através da reação dos seguranças do *shopping* e dos donos e funcionários das lojas que reagiam como se estivessem lidando com uma ameaça.

Uma reportagem da TV Folha intitulada *Saibam quem são os jovens dos rolezinhos* diz que os “rolês” aconteciam desde 2012 com o nome de “encontro de fãs” e serviam para que os jovens que tinham um perfil famoso nas redes sociais conhecessem os seus seguidores. O motivo de tanta fama destes jovens é por eles gravarem vídeos dançando e por serem considerados bonitos pelas fãs. A reportagem entrevista alguns desses jovens e cantores da vertente do *funk* intitulada de “*funk ostentação*” de São Paulo que demonstram valorizar muito o consumismo gastando muito dinheiro com roupas e adereços de marcas caras. Ainda nesta matéria o presidente do Instituto de Pesquisa Data Popular, Renato Meirelles, comenta sobre estes encontros “a elite que está acostumada a comprar na lógica da exclusividade, não está acostumado(sic) com a democratização dos espaços de consumo e é isso que o rolezinho tem mostrado para quem quer ver” (SAIBAM..., 2014) E numa outra entrevista, desta vez de Claudio Bertolli para Tvunesp (ANTROPÓLOGO..., 2014) o professor e antropólogo da Unesp realiza uma análise deste movimento e afirma que estes jovens assim como outros grupos buscam a concentração para consagrar laços identitários.

Retomando a questão da segregação espacial dos grandes centros urbanos, trabalhada anteriormente, trazendo a noção de periferia, a Geografia brasileira segundo Alves (2014) em

seu primeiro momento considerava apenas a relação de distância com o centro para designar esses territórios, e posteriormente ela recebeu influência de outras áreas de saberes humanos para também correlacioná-las com os aspectos de baixa renda de seus moradores. Neste sentido, no caso paulista, elas podem ser identificadas como:

as área nos limites da urbanização paulista, onde predominavam os loteamentos com unidades de pequenas dimensões (muitas vezes não mais de 50m<sup>2</sup>), com falta de quase todo tipo de equipamentos sociais (hospitais, escolas, creches) e de infraestrutura (pavimentação, água encanada, energia elétrica), acompanhada de dificuldade de mobilidade (precariedade dos transportes públicos), com predominância de população de baixa renda, normalmente migrantes vindos de todas as partes do país. (ALVES, 2014, p.113)

Com a produção desses espaços polarizados entre ricos e pobres, o consumo passa a ter um aspecto muito importante para definir quem pertence ou não a um determinado espaço, e os sujeitos menos favorecidos sabem os lugares que têm ou não condição de requestrar, como apresenta Serpa (2014):

No espaço público da cidade contemporânea, o “capital escolar” e os modos de consumo são os elementos determinantes das identidades sociais. Aqui, diferença e desigualdade articulam-se no processo de apropriação espacial, definindo uma acessibilidade que é, sobretudo, simbólica. Visto assim, acessibilidade e alteridade têm uma dimensão de classe evidente, que atua na territorialização (e, na maior parte dos casos, na privatização) dos espaços públicos urbanos. (p.20)

Outra questão é que não pretendemos aqui reduzir um fenômeno como o dos “rolezinhos” de tal magnitude, a um aspecto simples como a falta de investimento em cultura, apesar de ser um dado de realidade na periferia. Mangnani (2003) traz à tona a questão de que a maioria dos pesquisadores só se interessa pelos acontecimentos da periferia no que diz respeito aos movimentos reivindicatórios e associações, entretanto ele indica que uma série de acontecimentos faz parte do dia a dia dessas populações como:

(...) o bar da esquina, são os clubes de futebol de várzea, as 'casas do norte', os bailes populares(forró, rodas de samba, funk, soul), grupos de mutirão, danças de devoção ligadas ao catolicismo rural, rituais de umbanda e candomblé, curandeiros e benzedeiros, sistemas de excursões populares, duplas sertanejas, circos, etc. (MANGNANI, 2003, p.25)

Também cabe evitar certas concepções atribuídas à periferia, para não cair em determinismo. O autor lista algumas das ideias pré-determinadas a elas por alguns pesquisadores:

(...) sua concepção de família é tida como conservadora; suas tradições resquícios fragmentários de uma cultura rural e pré-capitalista; seus gostos estão descaracterizados por influência dos *media*, sua religiosidade é fator de alienação e seus projetos de vida, tentativas frustradas de ascensão social. (MANGNANI, 2003, p.27)

### 5.3.2 Interpretações e projeções

O fenômeno dos “rolezinhos” proporcionou diversas interpretações, causadas pelo mecanismo de projeção psíquica no contato com o observador do evento. Retomando uma definição deste conceito da psicologia analítica:

a projeção é uma espécie de ilusão de ótica que, enquanto tal, altera a linha de demarcação entre dois objetos (razão pela qual, por exemplo, um estímulo sensorial é enriquecido ou transformado mediante elementos fantásticos), isto é, tal “imperfeita” separação dos dois objetos é a ocasião verdadeira e própria secreção de certa imagem que, de outra forma, não seriam possíveis. (PIERI, 2002, p.399)

Os fatores emocionais predisõem a forma como o observador capta a realidade. No caso dos lojistas e administradores de shopping centers, por estarem afetados com os prejuízos decorrentes do esvaziamento de clientes de seus estabelecimentos, tendem a ter uma visão pessimista sobre os acontecimentos e enxergarem os participantes como arruaceiros que só querem criar tumulto. Para os indivíduos da sociedade que já possuem uma visão pré-concebida dos jovens da periferia como acomodados, também acontece um processo parecido com o dos comerciantes e quando assistem ao evento tendem a julgar os jovens como baderneiros que não querem nada da vida. Já para aqueles considerados mais politizados, percebem o movimento de uma forma completamente diferente, para eles o evento trata-se de uma ocupação por aqueles que são excluídos destes espaços caracterizados como antros do consumo, do qual não podem participar da mesma forma por não possuírem o devido poder aquisitivo.

Apresentaremos agora alguns recortes de matérias de jornais e artigos que ilustram estes posicionamentos tão dispares com a relação a este fenômeno. Iniciando com uma leitura desses acontecimentos como se o intuito fosse de promover apenas badernas nos shoppings: “Centenas e centenas de imberbes, garotos e garotas, reúnem-se em um templo de consumo, provocando tumultos, badernas, por vezes furtos, correria, gritaria, desmontando desta forma a rotina do local” (NASCIMENTO, 2014). Nessa outra reportagem também vemos uma visão

negativa do evento, a matéria a apresenta a fala de uma vendedora de uma loja de acessórios para celular em que ela define o evento como:

é um tal de “rolezinho”. O pessoal marcar pela internet e vai até o local combinado, fazem arrastão e vão embora. Aconteceu lá no [Shopping] Interlagos, antes do Natal. Minha irmã trabalha lá em um quiosque. Ela teve que abandonar tudo, até dinheiro. Quebraram um monte de lojas (SILVA, 2014)

Já neste trecho de um artigo opinativo jornalístico, o autor passa a ideia de que o “rolezinho” planejou toda essa questão política que o abarca:

a prática dos rolezinhos nos shoppings está revelando a contradição mais aguda desse espaço que tentou tomar o *locus* simbólico da rua. Nos rolezinhos, os jovens não são consumidores, mas produtores. Produzem um novo jeito de circular pelo shopping. Produzem uma prática cultural que se contradiz com esse lugar. Produzem contradição e desordem no sistema. E produzem uma nova gramática política ao afirmar sua classe num espaço que existe para negá-la. (ALMEIDA, 2014)

Também podemos observar alguns discursos mais ponderados que conseguem separar a existência de alguns movimentos desses que são apropriados para fins partidários e políticos e a intenção dos jovens de querer estar no shopping:

Rolés de protesto foram marcados para as próximas semanas em São Paulo e em diversas capitais do Brasil, em manifestação contra o que chamam de segregação social e racial feita pelos estabelecimentos, para proibir os encontros em massa de adolescentes. Sem discurso político ou interesse partidário, adolescentes paulistas, por outro lado, continuam a marcar eventos para "curtir e zoar" em shoppings periféricos, mesmo antevendo problemas. (BBC, 2014)

Ou neste trecho de outra matéria também a visão política e destacada:

Não há uma grande diferença do “rolezinho” organizado e ritualizado das idas aos shoppings mais ordinárias (ainda que a ida ao shopping pelas classes populares nunca tenha sido um ato ordinário), mas vejo uma continuidade que culmina num fenômeno político que nos revela o óbvio: a segregação de classes brasileiras que grita e sangra. O ato de ir ao shopping é um ato político: porque esses jovens estão se apropriando de coisas e espaços que a sociedade lhes nega dia a dia. (PINHEIRO-MACHADO, 2014)

Através destas reflexões, podemos observar a projeção psíquica operando, pois um mesmo fenômeno pôde apresentar diferentes interpretações, estas estando inteiramente ligadas com a experiência pessoal do observador e o nível de afetividade com o acontecimento.

#### 5.4 Isoporzinhos

Este movimento organizado pela internet, intitulado “isoporzinho”, propõe que os participantes levem seu próprio isopor com as bebidas a um lugar público determinado. A primeira edição foi idealizada pelo VJ Guigga Tomaz que teve a ideia, ao se deparar com um aumento significativo no preço da cerveja no bar que frequentava, em Botafogo, na zona sul do Rio de Janeiro, ou seja, ele nasce de um sentimento de estar sendo enganado ao pagar altos preços nas bebidas dos bares da zona sul do Rio de Janeiro, e pela aceitação de outros participantes parece ter sido um sentimento comum. A ideia foi bem recebida e diversas edições foram marcadas em outros bairros do Rio de Janeiro e migrando também para outras cidades do Brasil, como Manaus, Brasília e São Paulo. Os eventos tiveram repercussão na mídia e alguns bares anunciaram a redução no preço das cervejas em consequência dos encontros realizados.

Neste movimento, vemos mais uma vez as redes sociais possibilitando uma nova forma de organização que proporcione a quebra de padrões estabelecidos pelo senso comum, tanto no meio intelectual brasileiro quanto o da periferia marginalizada. Uma vez que a prática de levar um isopor com bebidas para um espaço público era considerada uma atitude de uma pessoa de uma camada mais pobre da população, que não pode consumir em estabelecimentos, e agora pode ser considerada um comportamento mais aceitável por pessoas de classes sociais mais elevadas. O imaginário social é transformado com este tipo de evento. Com relação a eventos sociais de nossa sociedade vemos uma valorização de espaços exclusivos. As áreas *vips* são uma constante em shows, casas noturnas e eventos em gerais, uma região dos espaços é designada em que apenas uma parcela significativamente pequena dos convidados tem acesso, geralmente celebridades, pessoas que pagam um valor de entrada maior na bilheteria ou que possuem algum contato especial com organizadores e donos dos lugares. A organização de um evento em praça pública também tende a romper com essa lógica tornando a participação mais democrática.

O “isoporzinho” reúne certos elementos que englobam aspectos dos três eventos estudados anteriormente, pois ele procura impressionar transformando um espaço público geralmente pouco frequentado, quebrando a rotina numa ocupação por vários jovens

socializando e bebendo cervejas. Tem um tom de protesto, pois denuncia a margem de lucro exagerada de alguns comerciantes na venda de bebida e também possui o aspecto de tribo e socialização apresentada pelos “rolezinhos”. Não cabe uma interpretação mais rebuscada sobre este tipo de evento, pois suas motivações aparecem de forma mais clara do que os outros eventos até então estudados, mas se torna válido manter sua presença no estudo por contribuir para a questão da compreensão da sazonalidade e a força da novidade presente nesses eventos organizados pela internet.

### **5.5 Sazonalidade dos eventos**

Dentre os aspectos dos eventos organizados pela internet podemos identificar a sazonalidade como uma característica destes. Utilizando dados do Google Trends, ferramenta do Google que permite fazer análise gráfica da quantidade de pesquisas realizadas para um termo com relação ao tempo, fica bastante observável a presença de momentos de alta popularidade. Através deste banco de dados, uma vez que o mecanismo de busca do Google é o mais utilizado e um dos sites mais acessados, é possível identificar as tendências e assuntos que estão em alta na internet. Sabemos dos riscos metodológicos da utilização destas informações por não serem completamente fidedignas, pois elas podem sofrer alterações, como, por exemplo, por meio de computadores automatizados que influenciem as buscas, mas acreditamos que somado a outras informações da pesquisa elas podem contribuir para ilustrar os aspectos estudados. Os valores dos gráficos não correspondem aos valores absolutos de buscas no mecanismo, mas uma relação com o ponto maior de interesse, numa escala de 0 a 100 em que o valor máximo compreende o período de maior interesse. Conforme pode ser observado nos anexos A à E existe sempre períodos de pico em que uma maior procura fica evidente e depois cai em sua popularidade.

Para os *flash mobs* como podemos visualizar no anexo A, existem momentos em que são registrados momentos de maior número de pesquisa, que espera-se uma relação com a publicação e repercussão da divulgação de algum desses eventos. Restringindo a pesquisa para a busca de brasileiros para *flash mob*, como pode ser visto no Anexo B, onde através desse recorte geográfico fica mais fácil de entender sua realidade. Podemos ver o ápice das buscas no mês de julho de 2013, época em que no Brasil foi realizada a Jornada Mundial da

Juventude, um de evento jovens católicos em que uma de suas atividades foi a organização de um *flash mob* para o papa em um dos eventos da jornada realizada na praia de Copacabana no Rio de Janeiro em que houve grande divulgação da coreografia a ser realizada tanta na internet como na TV, o acontecimento foi televisionado em emissora aberta e depois do evento continuou sendo divulgado pela mídia.

No caso do termo “protesto” através do anexo C podemos ver a magnitude da repercussão na internet dos protestos de Junho de 2013, que no período que ocorreram atingem o ponto mais elevado do período do gráfico, considerado que o termo “protesto” tem um volume razoável uma vez que as pessoas sempre pesquisam sobre protestos e eles ocorrem ao redor do mundo todo. No caso dos “rolezinhos” e “isoporzinhos” no anexo D e E respectivamente, fica bastante evidente o interesse sazonal por estes eventos, pois existe uma grande discrepância no interesse sobre eles para a época em que se encontrava em destaque, e o restante do tempo. Por se situarem no âmbito da internet, esses fenômenos estão subordinados a sua regra de compartilhamento como por exemplo é o caso dos chamados “vírais”, que assim como um vírus de computador se espalha rapidamente passando de uma máquina para a outra, a cultura do compartilhamento também traz essa dinâmica para a divulgação de conteúdo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O intuito desta dissertação era explicitar a potencialidade das novas TICs em tornar viável a reunião de pessoas nos espaços de livre acesso ao público em um curto espaço de tempo, mesmo com as mais diversas finalidades: seja para a construção de um país com melhores condições para todos, no caso dos protestos brasileiros de junho, ou para realizar uma ação conjunta que aparenta não trazer nada de construtivo para a sociedade como os primeiros *flash mobs*. As grandes aglomerações, que no passado só eram possíveis através de escândalos e catástrofes no cenário político, rebeliões em massa, guerras civis ou derrubadas de governos, passam a ser mais constantes e mais fáceis de serem organizadas pois a população em geral passou a ter acesso a novas formas de se informar e o advento da internet possibilitou mais pessoas realizarem a produção de conteúdo. Em um passado não muito distante, uma manifestação de uma determinada classe operária que se pretendia organizar uma paralização era preciso divulgar entre os trabalhadores produzir panfletos, marcar o evento com uma data mais afastada para dar tempo de produzir o material na gráfica e percorrer as indústrias para que chegassem ao destino final. Nos dias de hoje em cinco minutos é possível redigir um e-mail que atinge milhares de pessoas.

Acreditamos que, com o presente trabalho, foi possível demonstrar como o referencial teórico da psicologia analítica pode ser de grande valia para a compreensão de fenômenos coletivos, uma aposta que tem sido cada vez mais utilizada nas mais diversas vertentes em retirar a Psicologia que permaneceu tanto tempo restringida aos consultórios e pesquisas de universidades e buscar uma aplicação para além destes muros, uma vez que as relações pessoais estão presentes em todas as esferas humanas. Então podemos encontrar elementos da psique em qualquer parte da vida cotidiana.

Voltando à concepção junguiana sobre símbolo, os convites para estes eventos estudados aparentam ter uma força maior de atração nos primeiros eventos, uma vez que são desconhecidos pelos futuros participantes. É mais difícil definir o que é novo do que aquilo que possui uma história, e essa indefinição parece ter um poder maior de projeção e curiosidade para os observadores. Uma vez que os eventos passam a ser rotineiros, e seu formato é estabelecido, os convites perdem sua numinosidade e vivacidade representando

apenas e deixam de atuar como símbolos vivos e passam a funcionar como signos. Jacobi (1986) narra esse processo de perda de força do símbolo:

Quando o conteúdo de um símbolo se esgota, isso significa que o mistério que ele continha tornou-se inteiramente acessível ao consciente e, desse modo, se racionalizou ou desapareceu deste e retornou completamente ao inconsciente, perdendo a sua intransparência arquetípica e a sua numinosidade, deixando apenas como que a casca do símbolo e passando a fazer parte do consciente coletivo (p.101)

Pegando como base alguns dos convites para os eventos estudados (como no caso dos *flash mobs*), vemos que, na primeira tentativa de organização o texto de convite continha o seguinte texto: “Você foi convidado para participar do MOB, o projeto que cria um aglomerado de pessoas em Nova Iorque por dez minutos ou menos” (WASIK, 2006, p.57, TN)<sup>14</sup> ou no caso de um dos eventos convocatórios para os protestos de junho que tinha o título: *O gigante vai abraçar o mineirão*<sup>15</sup> e na qual era organizada por uma página intitulada “Novo povo brasileiro”, tais descrições por não serem tão objetivas aguçam a imaginação daqueles que tem contatos com os convites.

Também podemos observar que a projeção psíquica narrada nos espectadores do “rolezinhos” também pode ser vista nos outros eventos estudados, como um observador de um *flash mob* em uma praça pode julgá-los como um bando de desimpedidos os quais não estão fazendo nada para a sociedade, pois de acordo com seu imaginário quem não está trabalhando ou estudando pode ser considerado um vagabundo, e também esse mesmo observador teria uma impressão desta ordem sobre os protestos.

Outro ponto a se pensar sobre estes eventos é que, fazendo uma analogia com os papéis desempenhados na dramaturgia, os participantes saem de um papel de figurantes da vida cotidiana passando para um papel de protagonista atuando diretamente de alguma forma para sua sociedade. Mesmo estando numa multidão, está representa algo para a coletividade, o jovem da periferia ganha destaque no *shopping*, o trabalhador de um escritório grita no meio das ruas por melhoria nos transportes e o estudante realiza uma dança sincronizada com outras pessoas que chama atenção de todos na praça pública, ou seja existe uma quebra nos papéis sociais estabelecidos. Conforme afirma Serpa (2014) “Se o espaço público é, sobretudo

---

<sup>14</sup> “You are invited to take part in MOB, the project that creates an inexplicable mob of people in New York City for ten minutes or less.”

<sup>15</sup> <https://www.facebook.com/events/206154399537703>

social, ele contém antes de tudo as representações das relações de produção, que, por sua vez, enquadram as relações de poder, nos espaços públicos, mas também nos edifícios, nos monumentos e nas obras de arte” (p.19)

Conforme dito na introdução os eventos estudados são motivados e sofrem a interferência de muitas variáveis que vão desde o envolvimento na divulgação dos convites pelos participantes até as condições meteorológicas do dia do evento. Entretanto o presente estudo pode ajudar na compreensão sobre o funcionamento e potencialidades das multidões, da influência das novas tecnologias na vida cotidiana, do impacto do processo de urbanização na dinâmica de ocupação do espaço públicos, sobre o processo de empatia dos participantes com os convites para os eventos pois estes ativam emoções latentes compartilhadas e a dinâmica de projeção da psique sobre os observadores destes puderam em alguns aspectos ampliar a compreensão sobre estes eventos. Mas por serem tão recentes carecem ainda de maiores reflexões, sobretudo pela magnitude que atingem e pela potencialidade que possuem em agregar os indivíduos da sociedade.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, G. A mobilidade/imobilidade na produção do espaço metropolitano. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**, São Paulo: Contexto, 2014. p. 109-122.

ALZAMORA, G. C.; ARCE, T. ;UTSCH, R. S. Acontecimentos agenciados em rede - os eventos do Facebook no dispositivo protesto. In: SILVA, R. (Org.). **Ruas e redes - dinâmicas dos protestos BR**. 1ed. Belo Horizonte: Autentica, 2014, p. 39-66.

BARBOSA, G; RABAÇA, C. A. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARBOSA, S.; CANESSO, N. S. Política e participação nas cidades digitais e comunidades em rede. In: LEMOS, A. (Org.) **Cibercidade: as cidades nacibercultura**. Rio de Janeiro: E-Papers Editoriais, 2004. p.175-206.

BOASE, J. & WELLMAN, B. Redes virais: viroses biológicas, computacionais e de mercado. In: DUARTE, F.; SQUANDT, C.; SOUZA, Q. (Orgs.). **O tempo das Redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 65-95

BORGES, B. O Caminho Sem Fim da Democracia In: ALVES, A (Org.). **Não é por centavos: um retrato das manifestações no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Liga, 2014. (e-book Kindle)

BUCHANAN, M. **Nexus: Fundamentos da Ciência dos Networks**. São Paulo: Leopardo, 2009.

CANETTI, E. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARLOS, A. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. 3. ed. São Paulo: Paz e terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

CAPRA, F. Vivendo em redes. In: DUARTE, F.; SQUANDT, C.; SOUZA, Q. (Orgs.). **O tempo das Redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol 1, 1993.

EHRENREICH, B. **Dançando nas ruas: uma história do êxtase coletivo**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GALIMBERTI, U. **Psiche e techne: o homem na idade da técnica**. São Paulo, Paulus, 2006.

GAMBINI, R. **Espelho Índio: a formação da alma brasileira**. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.

GOHN, M. da G. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos Indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GRANT, P; BOON, E. When the persuasion attempt fails: an examination of consumers' perception of branded flash mobs. **Journal Of Public Affairs**, v. 13, n. 2, p.190-201, mar. 2013.

HARK, H. **Léxico dos conceitos junguianos fundamentais**. Ed. São Paulo: Loyola, 2000.

IASI, M. A rebelião, a cidade e a consciência. In: **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C.G. jung**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1986.

JUNG, C. G. **Aspectos do drama contemporâneo**. Obras Completas de C. G. Jung. Volume X/2. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 4ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

\_\_\_\_\_. **Psicologia em transição**. Obras Completas de C. G. Jung. Volume X/3. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 4ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Freud e a psicanálise**. Obras Completas de C. G. Jung. Volume IV. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 5ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e Religião**. Obras Completas de C. G. Jung. Volume XI/1. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. 9ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A natureza da psique**. Obras Completas de C. G. Jung. Volume VIII/2. Tradução de Mateus Ramalho. 8ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Psicogênese das Doenças Mentais**. Obras Completas de C. G. Jung. Volume III. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 4ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento da personalidade**. Obras Completas de C. G. Jung. Volume XVII. Tradução de Frei Valdemar do Amaral. 11ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Presente e futuro**. Obras Completas de C. G. Jung. Volume X/1. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Obras Completas de C. G. Jung. Volume XVI/1. Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 7ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Tipos Psicológicos**. Obras Completas de C. G. Jung. Volume VI. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **O espírito na arte e na ciência**. Obras Completas de C. G. Jung. Volume VI. Tradução de Maria de Moraes Barros. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira. 2006.

KIMBLES, S. The Cultural Complex and the Myth of Invisibility. In: SINGER, T. (Ed). **The vision thing: myth, politics and psyche in the world**. Londres: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. **Phantom Narratives: The Unseen Contributions of Culture to Psyche**. Londres: Rowman & Littlefield, 2014.

LE BON, G. **Psicologia das multidões**. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia. 1938.

LEMOS, A. Cibercidades: um modelo de inteligência coletiva. In. LEMOS, A. (Org). **Cibercidade: As cidades na cibercultura**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004. p. 19-26

\_\_\_\_\_. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 5ª.ed. São Paulo: Loyola, 1994.

LIMA, V. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013

LISBOA, E. S. **Multidões instantâneas: a internet como espaço para novas práticas sociais**. 126f. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens) – Universidade Estadual da Bahia, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Vitória da Conquista, 2013.

LOCATELLI, P. **#VemPraRua** – As revoltas de junho pelo jovem repórter que recebeu passe livre para contar a história do movimento. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (e-book)

LOPES, M. S. C. **Flash mob: uma experiência dos meios de comunicação como suporte para novas práticas subjetivas e sociais**. 172f. 2006. Dissertação (mestrado). UFRJ/ECO/ Programa de Pós- Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, 2006.

LUCAS, G. Muito barulho por nada? Flash Mobs como forma de coesão social e apropriação do espaço urbano. **Contemporânea**, v. 4, p.146-155, 2005.

MAFFESOLI, M. **Apocalipse: opinião pública e opinião publicada**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MAGNANI, J. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 2. ed. São Paulo; Editora Unesp/Editora Hucitec, 1998.

MARTINS, F. G. P. **Flash mob: práticas midiáticas e a intervenção urbana em tempos de cibercultura**. 110f. 2013. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2013.

PENNA, E. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2013.

PIERI, P. F. **Dicionário junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.

PINTO, A. **O Conceito de Tecnologia**. São Paulo: Contraponto, 2008. v. 1

OLIVEIRA, L. A sociedade dos fluxos comunicacionais e novos eventos rituais: o caso das redes sociais e dos smart/flash mobs. **E-cadernos Ces**, Coimbra, v. 8, p.183-194, 2010.

RIBEIRO, L; RIBEIRO, M (Orgs.). **IBEU: Índice de bem estar urbano**, 1ª ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

RÜDIGER, F. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SAMUELS, A; PLANT, F; BONI, S. **Dicionário Crítico de Análise Junguiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SÁNCHEZ, A. La plaga del flash mob. **Nexos: Sociedad, Ciencia, Literatura**. p.93-95, jan. 2005.

SANTAELLA, L. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à Cibercultura**. São Paulo: Ed. Paulus, 2003.

SENNETT, R. **O Declínio do homem público: As tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SERPA, Â. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2014.

SHAMDASANI, S. **Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência**. São Paulo: Ideias e letras, 2005.

SHIRKY, C. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SINGER, T; KAPLINSKY, C. Cultural Complex in Analysis. In: STEIN, M (Ed.). **Jungian Psychoanalysis: Working in the Spirit of C.G. Jung**. Chicago: Open Court Publishing Company 2010. p. 22-37.

SINGER, T; KIMBLES, S. L. **The Cultural Complex**. London: Brunner-Routledge, 2004.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. In: **Mana – Estudos de Antropologia Social**. v. 11 nº 2, p. 577-591, out. 2005.

SILVEIRA, N. **Jung Vida e Obra**. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 2003.

SILVEIRA, S. Ambivalência e confrontos no cenário informacional: o avanço dos commons. In: ALBAGLI, S. & MACIEL, M. L. (orgs.) **Informação, conhecimento e poder: mudança tecnológica e inovação social**. Ed. Garamond, Rio de Janeiro, 2011, p. 261-274.

SLOTTERDIJK, P. **O desprezo das massas**: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SOUZA, F. C. **As intervenções urbanas e os fluxos comunicativos nas ações do Grupo Improv Everywhere**. 2010. 121f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Belo Horizonte, 2010.

STEIN, M. **Jung - O Mapa da alma**: uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2006.

SUROWIECKI, J. **A Sabedoria das Multidões**. São Paulo: Editora Record, 2006.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2010.

TRINDADE, A. L. **Do Terra ao Gaia!** [manuscrito] da esquina democrática ao Flashmob Dance na memória artístico cultural da dança em Porto Alegre / RS. 2012. 181 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2012.

WASIK, B. My Crowd: Or, Phase 5: A report from the inventor of the flash mob. **Harper's Magazine**, p.56-66, mar. de 2006.

WIRTH, L. **Contemporary Social Problems**. Chicago: University of Chicago Press, 1939.

## 8. REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS E DA INTERNET:

ALMEIDA, R. **O rolezinho da juventude nas ruas do consumo e do protesto**. 2014. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1581>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

ANTROPÓLOGO da Unesp analisa os "rolezinhos". Tvunesp. 8 min. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=du0j\\_SDiTxw](https://www.youtube.com/watch?v=du0j_SDiTxw)>. Acesso em: 25 jan. 2015.

BBC. **Rolezinho de protesto se espalha, mas não atrai movimento original**. 2014. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-01-17/rolezinho-de-protesto-se-espalha-mas-nao-atrai-movimento-original.html>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

FOLHA. **‘Assustaram’ os donos do poder, e isso foi ótimo**. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/11/1368697-assustarem-os-donos-do-poder-e-isso-foi-otimo-diz-o-sociologo-chico-de-oliveira.shtml>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

HIATO. Direção: Vladimir Seixas. Rio de Janeiro, 2008. Mini-DV (20 min.), son., color., Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UHJmUPeDYdg>. Acesso em: 25 jan. 2015.

JUNHO - O Mês que Abalou o Brasil. Direção de João Wainer. São Paulo: Tv Folha, 2014. (72 min.), DVD,

MPL. **Sobre o movimento**. Disponível em: <<http://mpl.org.br/>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

NASCIMENTO, A. **Rolezinho**. 2014. Disponível em: <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/aurilio-nascimento/rolezinho-11324639.html>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

PINHEIRO-MACHADO, R. **Etnografia do “rolezinho”**. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/etnografia-do-201crolezinho201d-8104.html>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

RIO em chamas. Direção de Daniel Caetano, Eduardo Souza Lima, Vinícius Reis, Cavi Borges, Diego Felipe Souza, Luiz Claudio Lima, Ana Costa Ribeiro, Ricardo Rodrigues, Vítor Gracciano, Luiz Giban, Clara Linhart e André Sampaio. Produção de Daniel Caetano, Cavi Borges. Rio de Janeiro: Duas Mariola, Cavídeo, Hy Brazil Filmes, Subúrbio em Transe, Linhas de Fuga, Aimara Filmes, Cinema de Guerrilha da Baixada, Gaivota Studio, Gamarosa Filmes e Inventarte Produções, 2013. son., color.

SAIBAM quem são os jovens dos rolezinhos. TV Folha. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JMp-h54fweU>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

SILVA, J. **"Rolezinho": adolescentes são barrados em shopping de SP**. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/speriferia/rolezinho-adolescentes-sao-barrados-no-shopping-campo-limpo-5578.html>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

## ANEXO A – GOOGLE TRENDS – FLASH MOB (ÂMBITO GLOBAL)

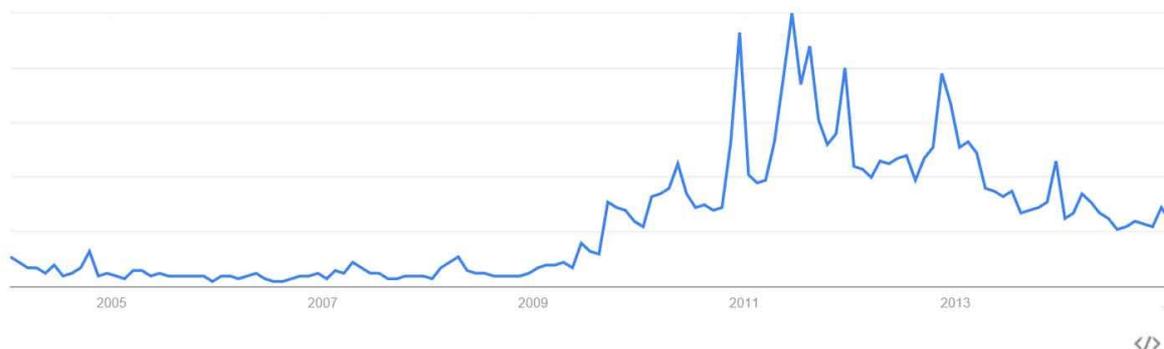


Gráfico de interesse x tempo

Disponível em:  
BR#q=flash%20mob&cmpt=q&tz=>.

<<http://www.google.com.br/trends/explore?hl=pt-BR#q=flash%20mob&cmpt=q&tz=>>>  
Acesso em: 25 jan. 2015.

## ANEXO B – GOOGLE TRENDS – FLASH MOB (ÂMBITO BRASILEIRO)

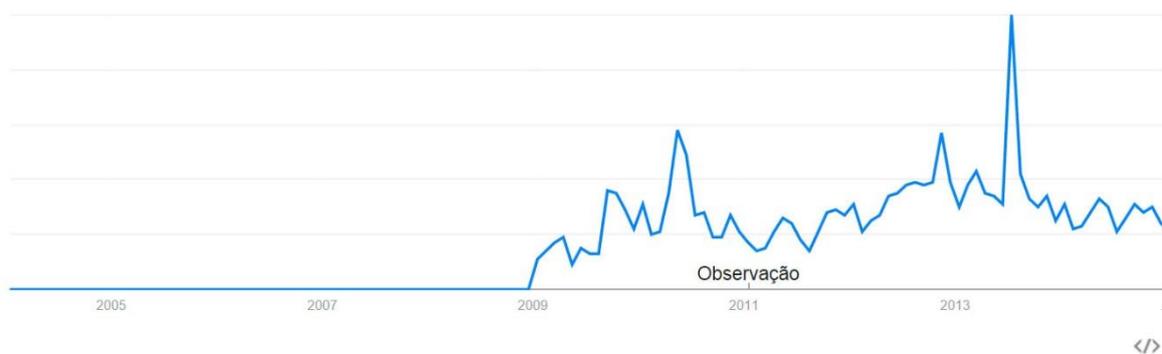


Gráfico de interesse x tempo

Disponível em: <http://www.google.com.br/trends/explore?hl=pt-BR#q=flash%20mob&geo=BR&cmpt=q&tz=>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

## ANEXO C – GOOGLE TRENDS – PROTESTO

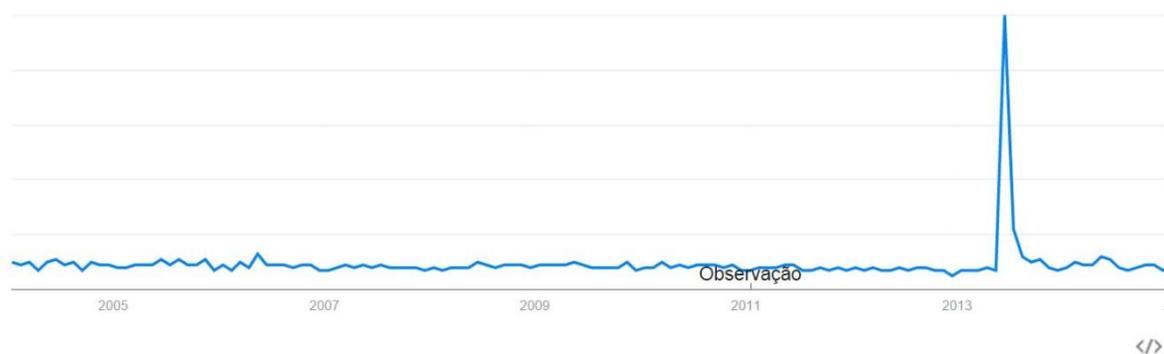


Gráfico de interesse x tempo

Disponível em: <http://www.google.com.br/trends/explore?hl=pt-BR#q=protesto&geo=BR&cmpt=q&tz=>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

## ANEXO D – GOOGLE TRENDS – ROLEZINHO

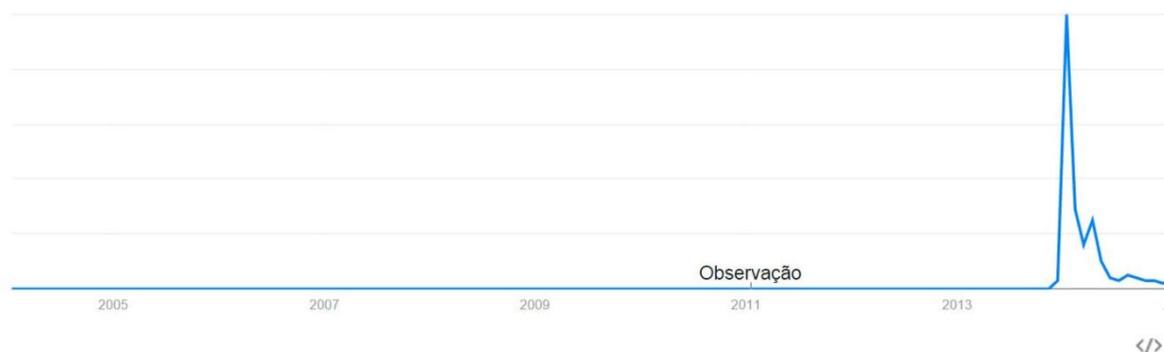


Gráfico de interesse x tempo

Disponível em: <http://www.google.com.br/trends/explore?hl=pt-BR#q=rolezinho&geo=BR&cmpt=q&tz=>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

## ANEXO E – GOOGLE TRENDS – ISOPORZINHO

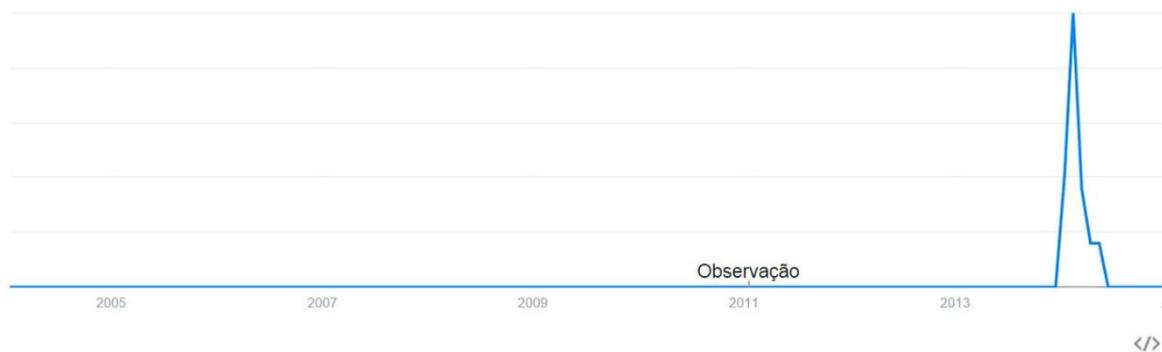


Gráfico de interesse x tempo

Disponível em: <http://www.google.com.br/trends/explore?hl=pt-BR#q=isoporzinho&geo=BR&cmpt=q&tz=>>. Acesso em: 25 jan. 2015.